This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port. 6040.4

Harvard College Library

FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

(Class of 1828).

Received DEC 19

MURMURIOS.

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

PORFYRIO JOSÉ GONÇALVES LIMA

SEU PAI

Em testemunho de amor e gratidão filial

O. D. e C.

O Auctor.

Que le livre lui soit dedié
Comme l'auteur lui est devoué.

V. Hugo.

MURMURIOS

POR

Augusto (José) Gonçalves Lima.

A. LIMA.

L'ame du poëte... c'est une eau courante
Qui ecrit ses murmures et qui les chante.
A. de Lamartine.

LISBOA

Typographia da Revista Popular.

1851.

Port. 6040.4

IV. 2962

HARVARD COLLEGE
DEC 16 1938
LIBRARY

Minot Fund.

CARTAS QUE SERVEM DE PROLOGO.

A A. P. LOPES DE MENDONÇA.

Charo Mendonça.

Houve já quem fundado no direito da priguiça exigisse de ti o prologo de uma obra. Não estranharás por isso a theoria, nem levarás a mal que eu, aproveitando o precedente, me resolva a seguir o exemplo. Em quanto a mim, quando a imitação é tão commoda, sacrifico de bom grado as pertenções de originalidade, e resigno-me evan-

gelicamente a que possam acoimar-me de *macaqueador*. Paciencia! Não será esse o epitheto menos amavel, com que poderão mimosear-me alguns rigoristas caturras. Abunda nesse genero este engraçado microcosmo litterario, em que vivemos, e porisso não me admirará a censura.

Estás pois condemnado a contribuir com um prefacio, introducção, ou cousa que o valha, para a collecção de poesias que vou publicar. É mais um imposto com que me atrevo a collectar a tua intelligencia, mas que tu satisfarás quasi insensivelmente por que é apenas um obolo á vista do capital que possues. Enche-te de coragem, e dá-me occasião de poder assegurar aos meus leitores que dos *Murmurios* sairá, ao menos, uma voz que é digna de ouvir-se. Quero algumas paginas de valor para o meu livro, e tu não duvidarás por certo conceder-m'as com a mesma boa vontade e satisfação com que se ufana de ser

Teu verdadeiro amigo

A. Lima.

A AUGUSTO J. G. LIMA.

I.

A tua carta, meu caro amigo, apesar de lisongeira, impõe-me uma responsabilidade neste momento, mais do que nunca, difficil.

A politica, como a Messalina da historia antiga, cansa-se, mas não se sacia. Quem uma vez se deixou arrebatar dessa paixão devoradora, quem sacrificou nesses

solemnes, e austeros altares, já não póde offerecer a sua imaginação pura e viçosa ás ridentes impressões da poesia e da litteratura.

E porquê?

Não é este desejo de emancipar a sua terra, de engrandecer os homens e a sociedade, pelo culto de verdades eternas, uma aspiração elevada, que robustece a dignidade humana, e exalta as faculdades individuaes?

Visto da esphera serena e magestosa das idéas, o movimento politico é grave e sublime como o canto de uma epopeia: não se observam senão os resultados, não se cogita senão na successiva e gradual assimilação de principios generosos e reformadores.

Mas nós, geração lançada, desde a infancia, neste vasto theatro das ruinas do absolutismo, não podendo volver para o passado, justamente condemnado pela revolução liberal — não podendo abraçar-nos ao presente, que apodrece de *obscurantismo* e corrupção — temos a crear um futuro, a fundar não digo sómente um governo, mas uma nacionalidade.

É a luta, não no que ella tem de dramatica e poetica, mas de abjecta e repugnante: é a luta contra interesses miseraveis, contra paixões acanhadas, contra preconceitos mesquinhos, contra intrigas vis e despresiveis.

É a luta contra a corrupção avida, e insaciavel: contra a mediocridade insolente: contra a ignorancia, que se envolve nas vestes de uma sciencia banal e pueril.

É a luta aonde se descobrem os vicios e a pequenez do coração humano: aonde se aprende a conhecer a hypocrisia dos que se chamam grandes; o servilismo dos que se proclamam pequenos; os mil e mil obstaculos, que atterram a vontade, e fazem succumbir o espirito.

Como queres então, meu querido poeta, que se possam fitar os olhos nas estrellas, que luzem no céo, nas flôres que perfumam a campina, nas ondas que banham as praias, quando a alma está como repleta de appreciar as vaidades e a insignificancia dos homens?

Lembras-te quando o Dante suppõe descer ao inferno, acompanhado de Virgilio, e

refere no seu immortal poema os tormentos dos condemnados?

Quando uma vez se penetrou nessas regiões, volta-se com os cabellos brancos, e as faces sulcadas de rugas: já do peito se não soltam cantos de innocencia, nem dos labios partem exclamações de enthusiasmo.

É assim a vida, a que nos arremessou a fatalidade do desenvolvimento intellectual: os corrompidos tumultuam ebrios de praseres venaes, e de distincções ridiculas: os que intentaram, com coragem e perseverança, a ardua missão de alevantar a patria até aos altos destinos da civilisação, não lhes sobra o tempo, quasi, para sorrir ás delicias da existencia familiar e quotidiana, e perdem cedo as illusões do coração.

II.

E todavia, as letras, e a poesia, no circulo limitado das suas lucubrações, servem immensamente a causa do futuro.

Ainda mesmo que esta litteratura nova, que deu larga e robusta existencia intellectual aos mancebos da nossa geração, não abraçasse, nas suas aspirações, idéas sociaes; quem se atreveria a negar que é este um

dos mais poderosos elementos do nosso renascimento politico e civilisador?

A poesia, tem sobretudo, de admiravel e de fecundo, o popularisar os principios, o de acostumar ainda os mais rebeldes ouvidos, a acceitar o enthusiastico esplendor das crenças que transformam um seculo.

Não é áquelle admiravel livro do *Genio do Christianismo*, que a França deveu o approximar-se da crença religiosa, que abandonára no furor frenetico da sua revolução; que a democracia se viu como filiada ás immortaes doutrinas do Evangelho, e do christianismo?

Não continuaram, Lamartine nas suas sublimes *Meditações* e *Harmonias*, Lammenais nas suas obras de philosophia e nos seus conceituosos pamphletos, este impulso de transformação, que nos conduziu até ao socialismo, que nada é mais do que a traducção economica dos preceitos proclamados na revolução christã, que rebentou ha dezoito seculos, para remir a humanidade?

Se ha symptoma mais decisivo, indicação mais victoriosa, de que a mocidade tem de se apossar de um poder deshonrado por dez-

oito annos de desbarato economico, e de incapacidade administrativa e governamental, é observando como os velhos resignaram, quasi todos, o seu logar na imprensa.

N'um paiz, aonde é por ella, sobretudo, que se podem provar os dotes da intelligencia, este facto é uma abdicação formal.

Eu — mais do que ninguem — aprecio os talentos litterarios de que abunda a geração nova. Sinto não poder dedicar-me exclusivamente a devassar as ferteis regiões da imaginação.

Mas não é verdade, meu caro poeta, que estendo fraternalmente os braços, a quem vem leal e candidamente pedir-me o fraco prestimo que possuo?

Não fallo dos que, como tu, já possuem uma reputação illustre entre os poetas: refiro-me a essas vocações timidas, outr'ora esmagadas pelo desdem covarde, e pelo epigramma parvo.

Ha acaso maior gloria para um critico do que concorrer para que mais um talento enriqueça e glorifique os annaes da historia litteraria?

Não teriam eternos remorsos os que obrigaram a alma orgulhosa de Chatterton a refugiar-se no sinistro pensamento do suicidio?

Lembras-te de certo, ha tres ou quatro annos, como todos nós nos maravilhámos, quando o nosso amigo Bulhão Pato escreveu uma daquellas poesias, que baptisam, pelo sentimento e pela fórma, as imaginações superiores.

Se nós ferissemos aquelle seu santo orgulho de poeta, se o não saudassemos como nosso irmão, quem sabe se hoje o contariamos como uma das mais esperançosas vocações da nossa terra?

III.

E tu, meu amigo desde a infancia, não és uma prova viva do muito que se lucta para poder dominar as invejas, e suffocar os latidos da mediocridade despertada?

Não nos consolámos nós mutuamente nas horas da amargúra, não fui eu testemunha daquelles certames poeticos, a que presidia João de Lemos?

**

Não liamos juntos Chateaubriand e Byron, Lamartine e Victor Hugo, não nos banhavamos, com fervor supersticioso, nessas origens da poesia moderna?

Não poderia, se fosse indiscreto, notar, em cada verso lastimoso, em cada imprecação apaixonada, os sonhos da tua alma, as lagrimas do teu desespero?

Não aprendi a conhecer, na tua convivencia, e na de alguns outros poetas, que a gloria, é como uma dessas mulheres orgulhosas, que nos abrem os braços, e soltam dos labios a palavra — *amo-te* — quando já no coração se nos apagou o paciente e resignado verdor da esperança?

Duas ambições tem o poeta na esphera do sentimento, ardentes como a fé, esplendidas e sublimes, como o irradiar do sol nas asuladas aguas do oceano.

Amar um anjo — virgem de alma e corpo — communicar aos divinos toques de uma belleza, que se ignora, toda a vivacidade da paixão — achar dentro d'alma um raio daquelle amor, que Pigmalião pediu ao ceo para animar a sua Galatéa — beber as primeiras lagrimas de um profundo affecto —

devorar as primicias adoradas de um sentimento, que acorda puro e singelo, não é, por acaso, realisar a mais intensa e enibriante felicidade da vida?

Encontrar no mundo uma mulher incredula como a saciedade, desbotada de illusões, e já com o sorriso desdenhoso do scepticismo nos labios, fazel-a reviver á crença do amor, dar, por assim dizer, rithmo e harmonia áquella prosa descuidosa e indifferente, não é evocar um mundo do chaos, criar a vida do nada, alcançar um dos mais grandiosos triumphos para o orgulho humano?

Mas é acaso o amor um sentimento, que se defina como uma proposição de geometria, a què se marque itinerario, como tentaràm fazer os *preciosos* do *hotel Rambouillét?*

Eis porque eu reconheço á poesia lyrica um vasto campo de observação, um horisonte sempre dilatado e formoso.

Em quanto houver quem sinta fina e delicadamente, hade haver poesia, hãode nascer poetas, dar-se-ha existencia á litteratura.

IV.

Creio tambem, que este seculo retrahe cedo as faculdades da imaginação.

É o seculo da economia politica: é o seculo das vaidades da riqueza, em que, homens e mulheres, calculam — uns, as delicias da posse; outras as commodidades do matrimonio.

Nesse ponto, a corrupção invadiu completamente as classes superiores.

Não me admira que o amor puro, sincero, que a paixão vertiginosa e louca se vão encontrar, como nos romances bucolicos de Florian, e nas poesias de M.me Deshoulieres, nas pastorinhas que vagam com o seu rebanho pelos montes.

O que ha de celeste, de espiritual, de verdadeiramente divino no amor, é que elle levanta a alma acima dos interesses, das *conveniencias* sociaes.

Hoje uma mulher, dançando em quatro bailes, sente desgastada toda a poesia do seu espirito. Casam, e namoram por especulação, como os paes, os irmãos, e os maridos, traficam na agiotagem, ou na politica.

A culpa não é dellas, é da época. E nós, mancebos, commetteremos um crime, se porventura não arrancarmos esta sociedade de um materialismo grosseiro e estupido; se não commentarmos, em nome das paixões nobres e generosas de coração, a maxima evangelica «não só de pão vive o homem, mas de verdade.»

Não ha, por conseguinte, um pensamento

engenhoso, e poeticamente singelo em dares ao teu livro o modesto titulo de « *Murmurios?* »

É assim: nem os cantos de guerra, nem os brados de vingança, nem as imprecações da agonia, nem os suspiros da paixão, nem os extasis de uma adoração casta e mimosa, podem soar senão como *murmurios* aos ouvidos desta sociedade avarenta e insaciavel.

Tudo se desdenha, e se esquece: quando se lêem uns versos, ao acordar das vigilias de um baile, não se misturam de envolta com aquelles trechos o motivo de uma *polka*, o compasso apressado da ultima *walsa?*

Não está ainda sobre o sophá do gabinete o vestido de gase, e logo, em seguida, o ramalhete, meio desfolhado, as reliquias de um espectaculo, a que se vae para encontrar um marido, e não para amar, lealmente, um homem?

Os cantos do poeta, ainda que elle se chame Byron ou Lamartine, ainda que elle desenhe a figura de *Haydée* ou *Graziella*, são apenas *murmurios*, thema quando muito de uma distracção passageira.

Applaudo-te, meu bom amigo, do titulo:

define o seculo, e prova que o teu talento é tão superior como modesto.

A. P. Lopes de Mendonça.

26 de Novembro, 1851.

Á POESIA.

Invocação.

Vem, ó anjo d'amor, celeste guia,
Candida pomba, carinhosa fada,
Vem ser da minha vida o sol, o dia,
Meu doce encanto, e alegria amada:

Vem, toucado de luz, astro fulgente,
Rasgar da minha dôr a noite escura,
De magas illusões doirar-me a mente,
Mostrar-me, inda que em sonhos, a ventura:

Ventura, sombra van, thesoiro occulto
Por que embalde interrogo a terra inteira ;
Que ora vejo irritada em negro vulto,
Ora qual anjo me sorri fagueira:

Ventura ! a que se logra, a que é do mundo,
A da meiga illusão, e doce esp'rança,
Vem dar-m'a, ó poesia, astro jucundo
Que dás ao coração calma e bonança.

Vem, anjo tutelar, vem, ó poesia,
Inundar-me de paz e d'innocencia,
Doirar-me a solidão triste e sombria
Que seria sem ti minha existencia.

Tu que do coração nas fundas chagas
Um benefico balsamo derramas,
Que extremosa, que meiga nos afagas
Repartindo comnosco vivas chamas:

Tu que a fronte nos velas d'almos sonhos
Quando as plantas nos rasgam mil espinhos,
Tu que amargas lições, dias medonhos
Nos fazes esquecer por teus carinhos:

Tu que és do céu, ó fada peregrina,
Accende na minha alma o facho ardente,
Concede-me porção da luz divina
De que ha no teu olhar caudal torrente.

Não me negues o prisma valioso,
Com que vês cá na terra o paraiso,
Engolfa-me no céu de paz e goso
Que cria n'um momento o teu sorriso.

É a existencia uma illusão mentida,
A terra de torpezas charco immundo,
Se tu não fôras que seria a vida,
Que fôra o proprio Deus, que fôra o mundo?

Vem, vem dar-me uma lyra suspirosa,
Cujo som me adormeça o sofrimento,
Que me dê nas canções queixa saudosa,
Que gema como o oceano, e como o vento;

Que cante como o arroio que murmura,
Sem fim, sem ambição, desejo ou arte,
Como a rôla viuva na espessura,
Como a onda que o mar na rocha parte.

*

Vem, ó anjo d'amor, meu terno guia,
Candida pomba, carinhosa fada,
Vem ser da minha vida o sol, o dia,
Meu dôce encanto e alegria amada.

PROPICIA ESTRELLA D'AMOR.

Serás musa de meus versos,
Alma de meus pensamentos.
C. Monteiro.

Donzella, que me deslumbras
Como do raio o fulgor,
Queres ser pharol d'esp'rança
Neste pélago de dôr?
No deserto de meus dias
Ser uma fonte, uma flôr,

Ser a corda harmoniosa
Na lyra do trovador?
Queres á c'roa d'espinhos
Das rosas dar o frescor,
Dar ás tormentas da vida
Propicia estrella d'amor?

Porém muda! — não respondes,
Tens na face rosea côr;
Um som peço, uma palavra
Seja a sentença qual fôr:
Oh! mas não! diz mais que os labios
Casto, virgineo pudor;
Vale um *sim* o teu silencio,
Injusto foi meu temor;
A grinalda de poeta
A teus pés quero depôr,
Quero louvar-te em meus hymnos,
Propicia estrella d'amor!

Junho 16, 1845.

RETRATO.

.....O Senhor na face della
Quiz a prova lançar da omnipotencia.
J. de Lemos.

Como a nuvem que o sol no occaso doira
É linda a virgem que amo; é innocente
Qual bonina dos campos, qual a rôla
Que seu terno carpir mal sabe ainda;
Tem n'alma a candidez, na face o pejo,
O céu no coração, e o sol nos olhos;
A rosa inda em botão não é tão pura,
Nem ha junto de Deus anjo mais bello.

Quando casto pudor lhe tinge o rosto,
O rosto côr de neve, ou quando a face
Purpurea vem fender gôta de pranto,
Perola d'alma que a ternura gera,
Talvez ao contemplal-a Deus pasmára,
E sorrissem os céus vendo-a tão linda!

Tão formoso condão como seus olhos
A terra, o mar, o céu onde o conhecem?
Quer terna os mova, quer modesta os baixe,
Que magico prazer infiltram n'alma!
Da bôcca breve, e nacarados labios
Que infindas graças, divinais encantos!
Possa um dia dizer — sou teu, és minha —
Possa nos braços teus gosar uma hora,
Perguntarei ufano aos reis da terra
Que vale o imperio, a opulencia, a gloria!

Agosto 10, 1842.

A FOLHA SECCA.

J'envoie un soupir à ceux qui m'aiment.
Byron, tr. de B. Laroche.

Secca folhinha mirrada,
N'aza do vento onde vais?
Espera; leva comtigo
Um suspiro, nada mais:
Se os montes d'álem passares,
Has de leval-o a meus pais.

A meus pais! — tazvez nest'hora
Vendo o meu leito deserto,
Vendo á mesa abandonado
O logar onde era certo,
Como eu revolvam na mente
Do regresso o dia incerto.

Mas, folha, chega-te ao seio,
Une-te ao meu coração,
Que has de partir inda quente
Do calor deste volcão,
Hei de abrasar-te co'o pranto
Da mais pura devoção.

Brinco innocente das auras,
És toda o retrato meu;
Foste já viçosa e bella,
Hoje teu viço morreu;
Infesto norte soprou-te,
Verme ruim te mordeu!

Sou qual és, e fui qual foste,
Nem só tu és malfadada,
Se do tronco, onde pendias,
Te cegou fera rajada,
Ao lar paterno roubou-me
Do destino a mão gelada.

Sou tambem folha mesquinha
Que na esp'rança vicejei;
Occulto verme roeu-me,
Não mais n'arvore fiquei;
Sopra-me a brisa ao acaso,
Onde, ai triste, poisarei?

Quem sabe? — talvez bem cedo
Se erga o espectro da morte,
Que sob o musgo da campa
Ámanhan m'esconda a sorte,
Que minhas cinzas dispersas
Dentro em pouco espalhe o norte.

Mas que penso? — pobre folha,
Veloz corre ao lar paterno,
Fende os ares como o raio
Que despede a mão do Eterno,
Corre véloz, não te pése
Suspiro d'um filho terno.

Foge, vai, não te demores,
Sê mensageira fiel,
Pinta ao vivo, se poderes,
Minha saudade cruel,
Saudade, que me distilla
Dentro n'alma acerbo fel.

Immensa, ferrea barreira,
Que só vence o pensamento,
Ausencia, como é amargo
O teu primeiro momento,
O adeus da despedida,
A hora do apartamento!

Trago-te inda impresso n'alma,
Dia solemne e fatal;
Vejo-te inda em pranto immersa,
Candida mãe sem egual,
De meu pai sinto os soluços
Naquelle abraço final!...

De meus irmãos pequeninos
Vejo inda as faces molhadas
Daquelle pranto innocente,
Que invejam almas tisnadas;
Oiço-lh'inda os ais doridos
Entre palavras cortadas!

Santo asylo, onde venero
Dôces memorias da infancia,
Vejo-te inda,.. embóra ausente,
Mau grado á longa distancia,
Vejo-te inda, humilde tecto
Da paterna, chara estancia!

Oiço inda d'um terno amigo
A chorosa voz tremente,
Sinto inda a face escaldar-me
Ora uma lagrima ardente,
Ora os osculos sentidos
Do seu adeus eloquente!

Sinto e vejo, e oiço tudo,
Tudo — amigos, pais, irmãos —
Uns beijando-me nas faces,
Cingindo-me outros as mãos,
Todos beijo, e abraço todos,
Porém tudo... em sonhos vãos!

Basta, ó folha; ía quebrando
O ferreo somno ao passado;
Ía erguendo ao que já fôra
O negro manto pesado;
Folha, adeus; corre ligeira,
Conceda-te o céu bom fado!

Maio 2, 1842.

O SORRISO.

Donzella, teu bello rosto
Quanto póde, quanto diz,
Quando córando de pejo,
Quasi a medo te sorris!...

Um sorriso breve, curto
Que entre fios de corais
Nos deixam vêr alvas per'las
Que invejam frontes reais...

Um sorriso... e nos teus labios,
Estrella dos sonhos meus,
É qual raio luminoso
Nesse azul dos vastos céus.

É uma aurora brilhante
Na face tua nevada,
É o sol que de teus labios
Abre a rosa delicada.

Ah! sorri sempre a meu lado,
Sorri-te, anjo de candura,
A cada instante sorri-te
Que nisso encontro vèntura.

Janeiro 28, 1843.

RECEIO.

J'ai toujours dans mon sein roulé cette pensée.
Lamartine.

Candida pomba na terra,
Fiel espelho do céu,
Donzella, que és meu thesoiro,
Minha alva estrella sem véu.

Sabes tu porque entre afagos
De vez em quando estremeço?
Junto ao meu teu peito arfando
Porque sombrio entristeço?

Porque apertando nas minhas
Tua nivea, incauta mão,
Ás vezes tremendo a largo
Pregando os olhos no chão?

Porque bebendo em teus olhos
Celeste, doce magia,
A fronte me tolda ás vezes
Negra sombra d'agonia?

Porque ora alegre te fallo
E depois volvo á tristeza?
Porque ora ardendo te abraço
Fugindo após com frieza?

Porque nos labios ardentes
Tanta vez affogo um ai,
Quando comtigo a meu lado
Digo aos seculos — voai —?

Porque em vago dessocego
Bate oppresso o coração,
E na voz, no rosto e gesto
Imprime o peito um volcão?

Porque anceio, e tremo, e choro
Quando comtigo sósinho?
Quando meus languidos olhos
Buscam nos teus um carinho?

Porque gemo se suspiras,
Porque gemo se sorrís,
Porque gemo se uma pérola
Te sulca as faces gentís?

E has de sabel-o, donzella,
Queres rasgar-me esse véu;
Não pódes vêr uma nuvem
Cobrindo um astro no céu?

E hei de, anjo, revelar-te
O pensamento infernal,
Que me lampeja na mente
Como tocha exequial;

A cruel, funesta idéa
Que entre as outras me negreja
Como entre brancas moradas
A torre de velha igreja;

*

Que verte fel em meus sonhos,
E aos labios véda o sorriso,
Que me despenha no inferno
Ao pensar no paraíso;

Voraz abysmo escarpado,
Negro cachôpo medonho,
Onde se quebra, onde morre
Da ventura o breve sonho?

Ah! donzella, esse tormento
N'um receio encontrarás;
Hoje és minha; mas, quem sabe!
Ámanhan de quem serás?

Dezembro 22, 1842.

A RECEM-NASCIDA.

Soyons deux.....
N'ayons a deux qu'une vie,
N'ayons a deux qu'un espoir.
V. Hugo.

Onde vens despontar, candida rosa,
Pudibunda açucena, onde nasceste?
Fadou-te graças mil, fadou-te encantos
A mão, que te criou; mas essas galas
De frescor matinal porque esperdiças
Nas urzes deste sêrro?

Delicado, loução, incauto arbusto
Porque entre abrolhos verdejando assomas?
Porque vens, exhalando almos perfumes
D'innocencia e pudor, cravar-te ás bordas
Do fundo abysmo, que chamaram vida,
Insondavel mysterio?

Vôa, candida pomba; além das nuvens
O teu ninho acharás, lá tens a patria,
O mundo é negro açor, foge-lhe as garras;
Não, singelo botão, aqui não abras,
Tem vermes este chão, veneno os ares,
N'um instante murcháras.

Da innocencia gentil o calix d'oiro
Todo vazio dentro em pouco o viras,
E só fel de paixões depois te dera.
Tua angelica voz não é da terra,
Nasceste p'ra affinar celestes córos,
Não te escutem os homens!

Foge, foge daqui, perola mimosa,
Na c'roa do Senhor vai engastar-te,
Luzir no firmamento entre as estrellas;
Foge, procura o céu, ahi te asyla,
D'alados cherubins entre as phalanges
Sê meu anjo da guarda!

Foge... dá-me de lá mil roseos sonhos,
Rouba um hymno d'amor ás harpas d'anjos
E vem do coração passar-m'o á lyra;
Ensina-me a entoar canções divinas,
A chorar e gemer arremedando
Celestes melodias!

Mas perder-te, anjo meu! perdão, fui louco,
Não vivia tão só, não desejava
Um seio feminil, que m'entendesse,
Um rosto, umas feições, onde algum dia
S'infeliz a perder, veja o retrato
Da mãe idolatrada?

Vive, e só para mim, penhor sagrado,
Abraçada comigo, qual a hera
D'altivo roble encadeiada ao tronco;
Qual vive ao coração casada a esp'rança,
Irmãos no sangue e n'alma, assim tu vivas
Enlaçada comigo!

Outubro 9, 1842.

O MEU BERÇO.

Oh! como tu me recordas
.....
Doce viver dessas horas
Da aurora doce da vida!
J. de Lemos.

Da minha infancia ditosa
A breve quadra passou;
Breve foi, porém eterna
A saudade que deixou:

A saudade... desse tempo
De paz, de riso, e de festa,
Eis o que ainda possuo,
Eis o que apenas me resta!

Nem o berço, o estreito berço,
Onde infante me embalei,
Penhor sagrado... nem elle
Dessa era ao menos herdei!

Era da minha innocencia
O singelo monumento,
Doce asylo da minh'alma
Nas horas do sofrimento.

Da curta aurora da vida
Era o espelho fiel,
Unico amigo d'outr'ora
No meu presente cruel.

Elle me viu pequenino,
Dormindo somno innocente,
Somno feliz, que se dorme
Naquella idade sómente!

Viu-me nos braços maternos
A sorrir-me prazenteiro;
Viu-me nas humidas faces
Correr-me o pranto primeiro:

Sentiu-me o debil peitinho
Brandamente respirar;
Ouviu-me os nomes primeiros
Que pude balbuciar.

Elle escutou a meu lado
Minha mãe, quando cantava,
Elle a viu quando anciosa
Á minha voz despertava.

Recebeu-lhe o pranto amargo
Que ella dos olhos vertia
Se, interrogando meu somno,
N'elle a doença previa.

Elle viu, foi testemunha
Do que gosei ou sofri;
Elle era o meu companheiro
Mas esse amigo perdi.

Perdi... roubou-me a desgraça
O berço que m'embalou;
Da minha infancia ditosa
Só a saudade ficou!

Julho 17, 1845.

OLHOS NEGROS.

Ó negros olhos
Que me mirais,
Ah! por piedade
Não me olheis mais;
Ouvi-me a prece,
Ouvi-me os ais,
Ó negros olhos,
Não me olheis mais!

Rivais nas côres,
Na luz rivais,
Já vi uns outros,
Irmãos, iguais;
Eram dois astros,
Gentís fanais,
Elles me olhavam
Como me olhais.

Tristes ou ledos,
Gireis, volvais,
Em tudo os outros
Vós retratais;
Manavam delles
Chamas lethais,
Elles matavam,
E vôs matais!

Sereis, como elles,
Syrtes fatais,
Que em mar d'encantos
Vos occultais?
Sereis... sumi-vos,
Gentís fanais,
Ó negros olhos,
Não me olheis mais!

Á NOITE.

Siempre te amé!
B. de Castro.

Minha alma é como a flôr singela e triste
Que a noite vem abrir,
Fechada á luz do sol a noite apenas
Alegre a vê sorrir.

Minha lyra só geme, quando pia
Sinistra ave agoireira,
Quando assoma gentil, desponta, alveja
A lua aventureira.

A lua! ella me entende, e me consola,
Com ella sei gemer,
O dia é dos felizes, eu com elles
Nunca soube viver.

Gósto de vêr sidereo immenso manto
Cobrindo todo o céu,
Como a pedra funerea d'um sepulchro
Envolta em negro véu.

A terra toda em trevas mais me agrada
E solitaria, e muda;
És do silencio e paz; por isso, ó noite,
Minh'alma te sauda.

Mal se apaga nos céus a tocha d'oiro
Que nutre a luz do dia,
Resurge na minh'alma astro luzente,
O astro da alegria.

Apraz-me vêr brilhar nitidos lumes,
Disco argenteo a surgir,
Ouvir a viração gemer nos troncos,
As aguas vêr luzir;

Gosto de vêr luzentes pyrilampos
Doirando a fôfa relva,
Desfazer-se na praia a onda em per'las,
Ouvir cantar na selva.

Minh'alma é como a flôr singela e triste
Que a noite vem abrir,
Fechada á luz do sol, a noite apenas
Alegre a vê sorrir.

Janeiro, 1843.

CANTO D'AMOR.

Se tu me houveras amado,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua cópia dos anjos,
Formoso mimo dos céus;

Se me doiraras co'um riso
Minha tão nua existencia;
Se d'uma phrase te ouvira
Meiga, celeste cadencia;

*

Se de meus ais condoída,
Em doce arrobo d'amor,
Um dia, ao menos disseras,
Tua serei, trovador;

Deras a vida ao cadaver,
Ao cégo deras o dia,
Deras a fonte ao deserto,
Deras viço á penedia.

Tu serias da minh'alma
A metade em tudo irman,
Do meu riso ou do meu pranto
O segredo, o talisman:

Fôras nas trévas do peito
A luminosa porção,
A rosa pura e singela
Na garganta do volcão;

Eterno pharol d'esp'rança
Nas tormentas da existencia,
Como entre os vícios do mundo
És um astro d'innocencia;

Perenne fonte serena,
Fonte d'eterna harmonia,
Onde alvas pennas banhasse
Linda pomba, a poesia!

Idolo, fada, thesoiro,
Tudo serías, meu nume,
Dentro d'alma uma florinha,
No pensamento um perfume.

Ah! tu fôras sempre a sombra
Do pensamento singelo,
Nas cadeias que forjasse
Sempre acharias um élo.

Serías então só minha,
Prêsa sempre ao peito meu,
Como a folha é prêsa ao tronco,
Como a estrella é prêsa ao ceu.

Sempre a teus pés m'encontráras
Submisso, terno, fiel,
Sempre a dar-te do meu seio
O mais puro e doce mel.

Eu ensinára teu nome
Ás avesinhas do ar,
Ao bosque, ás flores, ao vento,
Ás bravas ondas do mar;

E tudo então te cantára,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua cópia dos anjos,
Formoso mimo dos ceus!

Eu te amára como se ama
Breve sonho de ventura,
Como entre nuvens sombrias
Se ama o astro que fulgura;

Eu te amára como as chamas
Ama incauta a maripoza,
Como da brisa a bafagem
Ama a florinha mimosa;

Eu te amára como os bosques
O plumoso rouxinol,
Como no inverno ama o pobre
A quente restea do sol;

Eu te amára como a rôla
Ama o ninho em que nasceu,
Qual viajor no deserto
Ama a fonte em que bebeu;

Eu te amára como a onda
Ama da praia as areias,
Como a donzella dos campos
Ama innocentes chorêas;

Eu te amára como o infante
Ama o peito maternal,
Como o orvalho matutino
Ama a violeta do val;

Eu te amára... como te amo,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua cópia dos anjos,
Formoso mimo dos ceus!

Junho 24, 1844.

ÁS ESTRELLAS.

Lindas, mimosas saphiras
Que o véu da noite bordais,
Dizei-me, estrellas, dizei-me
S'é d'amor que palpitais.
Vós que sempre bemfazejas
A luz tão pura nos dais,
Não tereis lá nas alturas
Quem escute vossos ais?
Haveis de ter só por fado
Luzir, luzir, e não mais?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tão formosas!.. amais.

NO ALBUM

Da Exm.ª Sr.ª. Condessa das Antas.

Na fronte do nobre, valente soldado,
Coberta dos loiros, que ceifa o valor,
Faltava uma rosa colhida no prado,
No prado formoso das rosas d'amor.

Faltava, não falta; — na c'roa virente
Lá vejo entre-aberto virgineo botão
Que ao viço das palmas da espada valente
Dá novo realce na doce união.

Feliz o guerreiro, que soube colhel-a!
Ditosa a florinha que a espada lhe ornou!
Ditosa mil vezes qne a rosa tão bella,
Córada entre os loiros, mais bella ficou!

E fostes, senhora, vós fostes a rosa
Que altivo o soldado valente colheu...
Felizes, contentes, na terra espinhosa
Não tendes um ermo, sorri-vos um céu!

Á sombra da gloria, n'um mar de ventura
Tranquillos, uſanos, risonhos correis;
Que estrella mais bella, que dita mais pura
Desfructam nos paços princezas ou reis?

Volvestes os olhos... intrepida espada
Vencida, humilhada, não vistes aos pés,
Espada de tantas victorias c'roada
Que a todos honravam colhidas por dez?

Soltastes um riso... que vistes? — vencido
Quem antes venceido não foi por ninguem,
Prostrado de fraco, por terra caído
Quem nunca tremera d'obuzes aos cem.

Victoria, victoria d'um preço infinito!
Que immensos triumphos, senhora, não val!
Victoria, conquista d'um nome bemdicto
Coberto das glorias da terra natal!

Ditosa, senhora, mil vezes ditosa
A flor que o soldado valente ceifou,
Ditoso o soldado que as graças da rosa,
Que os mimos só della soberbo logrou!

Feliz do guerreiro que o pó da batalha
Já tem quem na fronte lhe possa limpar,
Quem possa entre nuvens de fera metralha
As vozes d'um anjo fazer-lhe escutar!

Feliz do guerreiro! que a dextra do forte
Tambem outra dextra precisa cingir,
Casada até hoje co'o ferro da morte,
Cançada da gloria, deseja sentir!

Ditosa e ditoso... n'um mar de ventura
Tranquillos, ufanos, risonhos correi,
Que eu victima triste de sorte mais dura
Não posso cantar-vos, saudar-vos mal sei!

Agosto 1, 1850.

IMPOSSIVEL.

Irman da minha quisera
Alma singela encontrar,
Fiel espelho, uma sombra
De meu intimo pensar:

Quisera que ambas unidas
Se fundissem n'um sô,
Desejos, esp'ranças, medos
Que os prendesse o mesmo nó:

Que os peitos de ambos accordes
Afinasse uma só mão,
Que a um tempo ambos gemessem
Ou d'amor ou d'afflicção:

Mas loucura! o meu desejo
É um sonho, nada mais;
Tem o céu milhões d'estrellas
E não ha duas iguais!

Outubro 7, 1842.

O PÔR DO SOL.

Siempre banó mi corazon llagado
Con balsamo dulcissimo esa hora.
Pacheco.

Tinge-se o valle, a torrente
Da rôxa côr do horisonte;
Ignea corôa fulgente
Orna a cabeça do monte;
É o sol que no occidente
Esconde a rútila fronte.

Agora as nuvens doiradas
Lhe formam leito macio
De mil purpureas camadas
Que reverberam no rio,
Como além nas cumiadas
D'altivo monte sombrio.

Sumiu-se; já não fulgura
Do mundo o immenso pharol;
Entre os ramos da espessura
Trina alegre o rouxinol,
E nos hymnos que murmura
Tece um hymno ao pôr do sol.

Como cicía a floresta!
A brisa como cicía!
Que hora de paz e de festa,
De fragancia e de harmonia,
Que hora suave que é esta
Que o fim da tarde annuncía!

Sê bem vindo, ó encantado,
Meigo instante fugitivo,
Que o lavrador fatigado
Abençôa pensativo,
Que bemdiz o monte, o prado,
Como um presente festivo!

Tem mais perfumes a rosa,
Mais fresca a brisa ora gira;
Lambendo a praia arenosa
O rio apenas respira;
Em cada folha mimosa
Descanta agora uma lyra.

Salve, salve, hora fagueira
Que abrandas no peito a dor;
Hora ditosa em que inteira
Recende a terra qual flor;
Nasceste, hora feiticeira,
Para Deus e para amor!

O CYPRESTE.

Teu vulto melancholico me agrada,
O teu lugubre aspecto não me assusta,
Apraz-me a tua sombra, alto cypreste,
Mudo guarda das campas ;

Antes que ao pé de ti dormir me vejas
Longo, placido somno derradeiro,
Oh ! deixa-me dormir ás tuas plantas
Inda na vida um somno !

Como ergues pavorosa a fronte ufana
Verde-negro gigante solitario!
Estandarte da morte, como ondeias
Neste campo deserto!

Sósinho, como tu, venho do mundo
Abraçar-me comtigo e consolar-te
No misero desterro, em que te deixam
As loucuras dos homens!

Oh! loucos vezes mil! sem dó, sem alma,
Qual phantasma te fogem; não se lembram
Que has-de vêr a teus pés seu pó calcado,
Suas cinzas desfeitas;

Passam por ti, e indifferentes, mudos
Nem saudam sequer o que na campa
Os espera fiel — unico amigo
Que hão-de vêr no sepulchro!

Passam por ti, soberbos! não se curvam,
Não dobram reverente o collo ufano
Ás plantas do monarcha venerando
Dos imperios da morte,

Quando fracos, servis se inclinam, dobram,
Quando rojam no chão a fronte escrava,
Ante o grande, o senhor, o rei, o despota,
Todos vermes da terra!

E deixam-te submerso em vil despreso
Sem jamais lhes lembrar que dentro em pouco,
N'um momento talvez, podes guardar-lhes
Os descarnados ossos,

A ti, ao protector das sepulturas,
Que os has-de acompanhar, ser-lhes consolo,
Dizer ao viandante, este foi homem,
Respeita-o, ora, e passa!

Mortaes, que loucos sois! alto cypreste,
Tua sombra me dá, não me desprezes,
Sou homem, sim, mas crê-me, amo-te ainda,
Mudo guarda das campas;

O teu lugubre aspecto não me assusta,
Não me aterra tambem teu vulto enorme;
Oh! deixa que a teus pés durma tranquillo
Inda na vida um somno!

Maio 1, 1842.

A ESPERA.

Versão.

Á voz da aurora rasgou-se
Da procella o negro véu,
O rio corre mais puro,
De nuvens é ermo o céu.

Sobre os tapetes de relva,
Onde inda brilha o rocio,
Abre-se o calix da rosa
Mais perfumado e macio.

Mais ledas cantam as aves,
Mais doce a briza murmura,
Prende-se a vide ao olmeiro
Com mais requebro e ternura.

Tudo, tudo galas veste,
Tudo festa aqui revella;
Relva, céu, linfa serena,
Esperais tambem por *ella?*

SONHO.

Vain songe ! . . .
C. Delavigne.

Fui assentar-me á beira d'um regato
Que sobre alvos seixinhos saltitava;
Gemia a viração nos verdes troncos
Dos salgueiros que as margens lhe vestiam;
Era de puro anil o céu formoso
Sem a sombra sequer d'uma só nuvem.

Engastadas na abobada infinita
As tremulas estrellas refulgiam;
A lua, alvo baixel em mar sereno,
Vagarosa cortava o azul da esphera;
Os ares recendiam co'os perfumes
De mil flores que a relva matizavam.

Que magico logar, que noite amena!
Mal podia minh'alma embriagada
De tantas impressões colhêl-as todas!
Não cabiam n'um peito as harmonias
Que a naturesa pródiga exhalava
Como harpa de mil cordas affinadas!

Quantas vezes contei do céu os astros,
As pedrinhas do rio, os ais da briza!
Em vaga distracção quantas folhinhas
Não lancei na corrente fugitiva,
Onde as via boiar, até sumir-se,
Como esp'ranças que nutre o desgraçado!

Adormeci por fim, antes velasse!
Appar'ceu-me sorrindo em meigo sonho
A virgem dos meus sonhos de mancebo;
Nas mãos tinha uma lyra, o céu nos olhos,
Uma c'rôa de luz lh'ornava a fronte,
Distillava da boca o mel celeste.

«Anjo, deixa rojar-me ás tuas plantas,
«Consente-me beijar o pó que pisas,
«Morrer quero a teus pés... gemi té hoje
«Longo tempo sem ti; mas d'ora avante,
«Fundamos n'uma só as almas d'ambos,
«Vivamos ambos nós uma só vida!

Dizia, e acordei; vi-me sosinho
Erguendo supplicante as mãos convulsas;
Vós, nitidas estrellas, então vistes
O pranto que chorei; sêde piedosas,
Não digais a ninguem que fui tão fraco,
Ninguem da minha dôr rirá d'escarneo!

Á LUA.

No fim d'um vasto horisonte,
Que não limita algum monte,
Esconde a rutila fronte
Astro dos astros pharol;
Lá sepulta a nobre testa,
Vai sumir-se... apenas resta
Doirada, fulgida aresta
Do diadema do sol.

Morreu, sumiu-se, não brilha
Na senda immensa que trilha
A luzente maravilha
Que mil encantos produz;
Outro pharol mais jucundo
D'outros prodigios fecundo
Vem derramar sobre o mundo
Nova torrente de luz.

Surge, ó astro priguiçoso,
Descobre o rosto formoso
Desse manto vaporoso
Que inda empana o teu fulgor;
O mar dorme como um lago,
Vem mostrar-lhe o rosto mago,
Vem sorrir-lhe com afago,
Com doce afago d'amor.

Graças, ó astro fagueiro,
Tu me ouviste lisongeiro,
Melancholico luzeiro,
Pallido facho do céu:
Ouviste, que mais delgado
De mil estrellas bordado
Contemplo agora azulado,
Côr d'anil teu puro véu.

Vencendo teu casto pejo
Escutaste o meu desejo,
Hei-de pagar-t'o co'um beijo
Que um dia te hei-de furtar;
Sim, um dia, ó bella, quando
Ao pé d'um tanque scismando
Descobrir teu rosto brando
Nas aguas delle a brilhar:

Porém não; não ouso tanto...
Ouve meus rogos, meu pranto,
Não cubras de negro manto
O rosto lindo outra vez;
Ah! esquece uma loucura,
Fui audaz, não sejas dura,
Não me pagues a ternura
Com tamanha rispidez.

Rasga a nuvem fugitiva
Que te encobre a face esquiva,
Não te mostres vingativa,
Ouve sómente meus ais;
N'isso que disse atrevido,
Fiz mal, bem sei, não duvido,
Fiquei porém tão punido
Que o não direi nunca mais.

Vem, ó lua; lá dos ares
Te chama o hymno dos mares,
Chama-te a voz dos pezares
Que em minh'alma espreme a dôr;
Vem brilhar sobre estas aguas
Prateiar aquellas fraguas
Menos duras do que as magoas
Que já soffro sem valor.

Oh! tocou-te a piedade!
Atravez da immensidade
Ouviste, casta deidade,
O clamor da minha voz;
Depois da curta procella
Eis-te risonha e mais bella
Qual amorosa donzella
Depois d'enfado veloz.

Docemente equilibrada
Lá nessa esphera azulada
Longa fita assetinada
Estendeste sobre o mar;
Elle gemendo qual lyra
Aonde a brisa suspira,
No teu solio de saphira
Te vai humilde saudar.

Como gentil e formosa
Ergues a fronte orgulhosa
Qual virgem, humida rosa
Entre as boninas do val;
Teus raios como são bellos!
Como não gosto de vêl-os
Ou brilhando sobre os gelos
Ou nos ramos do pinhal!

Ao ver teu rosto de prata,
Quando a corrente o retrata,
Que peito não se dilata,
Quem não geme doces ais?
Que alma que estale de pena
Não sente a dôr mais amena
Quando pallida e serena
Seguindo teu rumo vais?

Que infeliz é que não sente
Precisão d'um confidente
Sempre discreto, indulgente
Como só tu sabes ser?
Qual é a c'rôa espinhosa
A que não dás uma rosa?
Qual é a dôr venenosa
Que não vens adormecer?

*

Quem ha, ó candida lua,
Que um segredo não possua,
E que a alma toda nua
Não precise de mostrar?
Quem ha que soffra calado
Sem vir de noite isolado
Arrancar do peito um brado
E comtigo conversar?

Brilha, brilha, astro fagueiro,
Melancholico luzeiro
Cujo fulgor passageiro
Doce allivio me conduz;
Brilha, brilha, e quando a morte
Os tristes dias me corte,
Lamentando a minha sorte,
Brilha então sobre uma cruz!

OS OLHOS.

Perguntaste-me se amava,
Se eu amava com ardor,
Vivos olhos buliçosos
De negra côr:

Sejam verdes, pardos sejam,
Côr da noite, ou côr dos ceus,
Amo todos que são bellos...
Como esses teus?

Perguntaste-me se cria
Quando fallavam d'amor
Vivos olhos buliçosos
De negra côr:

Sejam pardos, verdes sejam,
Côr da noite, ou côr dos ceus,
Creio só... que não os creio...
Nem mesmo os teus!

PRIMAVERA ANTECIPADA.

Versão.

Já escuto mil vozes prazenteiras
Que saudam n'um canto a primavera,
Não sei comtudo se inda o gelo impera
Nas altas serras e caudaes ribeiras;
As nevoas do inverno tão grosseiras
Não vi se estão desfeitas já na esphera,
Só sei que o meu espirito abatido
Das nevoas da tristeza está vestido.

Inda o sol nem o céu é mais fagueiro,
Nem se ostenta o fulgor de novos dias,
Languidas inda são, são indá frias
As novas galas do universo inteiro:
Que é delle, ó primavera, o véu ligeiro
Que tão formoso em tudo suspendias,
Que vinha ás aves dar contentamento
Como encantos á flor, e aroma ao vento?

Não és tu a pregoeira da alegria,
Da alegria, e d'amor na terra inteira?
Já não és a formosa mensageira
Que vivo enthusiasmo nos trazia?
Outr'ora a tua c'rôa mais fulgia,
Sorria a tua fronte mais fagueira,
Mais terno o rouxinol te descantava
E tambem mais feliz eu te saudava!

Sim, era eu mais feliz, não tu mais bella!
Sou eu só, e não tu, quem ha mudado!
Nesse horisonte puro e azulado
Co'o mesmo brilho a tua fronte vela,
Hoje qual d'antes tua voz singela
Anima o branco lirio perfumado,
E o meigo rouxinol, que inda te adora,
Co'as mesmas harmonias te namora:

É que já não lhe escuto os sons divinos,
Nem prézo, ó primavera, os teus favores,
É que já não procuro as lindas flores,
Nem das aves m'importam doces hymnos;
É que já dos arroios cristalinos
Desprezo os melancholicos rumores...
É, meu Deus! que nest'alma turbulenta
Inda ha nevoa, inda ha gelo, inda ha tormenta!

Setembro, 1850.

A UMA JOVEN.

No seu album.

Medita bem este livro,
Estuda-o, gentil donzella,
Não deixes uma só folha
Sem saber o que revela.

Tens aqui muito conselho,
Tens um cento de louvores,
Tens protestos d'amisade,
Tens disfarçados amores.

Quantas promessas ardentes
Não faz aqui fria mão,
Quantos votos lisongeiros
Não faz mudo coração!

Cautella, pois, innocente,
Não vás tudo acreditar;
Áspides contam as flores,
Conta penhascos o mar.

Este livro é como a vida,
Todo amargas illusões,
Em cada folha um engano,
Em cada engano lições.

Aqui ha phrases mentidas,
Ha vãos sonhos de poetas,
Ha lisonjas estudadas,
Ha confissões indiscretas.

Aqui tambem d'etiqueta
Has-de ouvir dictos banais,
Mil sentenças, mil avisos
Que deixam tedio e não mais.

Sob apparencia formosa
Acharás coisas funestas,
Como occultos soffrimentos
Por entre os risos das festas.

Cautella pois, innocente,
Não vás tudo acreditar,
Áspides contam as flores,
Conta penhascos o mar.

Estuda, estuda este livro
Que é thesoiro d'exp'riencia,
Mas cuidado! não a compres
Só á custa da innocencia.

Cuidado sim, que da vida
Elle é symbolo fiel,
E na taça da existencia
Ha mais veneno que mel.

Medita pois este livro,
Estuda-o, gentil donzella,
Não lhe deixes uma folha
Sem saber o que revela.

A ALCACHOFRA.

... Il fut heureux ton destin.
P. Flaugergues.

Em vez das graças que ostenta
No jardim, no campo, a flor,
Em vez d'aroma e de côr,
Deu-te Deus, ó alcachofra,
Vasta sciencia d'amor.

Tua sorte não deplores,
Não te julgues infeliz:
Que importa cheiro e matiz
Se a existencia é tão curta,
Tão curta que se maldiz?

Dura a florinha um momento
E que breve que não é!
E tu das chamas até
Sais illeza como illeza
Do martyrió surge a fé!

Reinem as rosas embora
Nos vergeis e nos salões;
Tu feliz nas predicções
Reinas dentro de mil peitos,
Sabes ler nos corações.

Confidente das donzellas
Que te dão cultos reais,
Quantos prantos, quantos ais
N'um instante não transformas
Em mil risos festivais!

Quantos segredos não sabes,
Que não sabe mais ninguem,
Segredos, que todos têm,
Mas que apenas se revelam
A quem os guarda tão bem!

Que flor, qual é a que logra
Tão ditosa condição?
Serão mais bellas, serão;
Mas qual dellas tem um culto
D'amorosa devoção?

Não chores pois teu destino;
Se tu não tens, como a flor,
Nem doce aroma, nem côr,
Deu-te Deus, ó alcachofra,
Vasta sciencia d'amor!

Junho 23, 1846.

NUNCA.

Virgem bella, cujo nome
Murmura o peito em segredo
Como a linfa que suspira
Nas entranhas d'um rochedo;

Ah! donzella, se quebrando
Essa tão dura altivez,
Da boca ao menos soltasses
Um esp'rançoso *talvez*!

*

Porém nunca! nem um dia,
Uma só hora, um momento!
Oh! que supplicio medonho!
Oh! que fatal pensamento!

De mil penas reunidas
Todo o satanico horror,
Tudo encerra, excede tudo
Esta palavra de dôr!

Nunca! nunca! se esta idéa
Inventaste, ser Eterno,
Se tal abysmo criaste
Porque fizeste o inferno?

Junho 23, 1842.

INNOCENCIA E MORTE.

Purpurino botão de fresca rosa,
Não chegaste a abrir, a embalsamar-nos
Co'a fragancia das folhas recendentes;
Andorinha feliz, não percorreste
Mais que o espaço tão curto que distava
Do teu ninho macio ao paraiso!

Foste no horisonte da vida um meteoro,
Que luziu e passou, aurora breve
D'amor, esp'rança, e fé; — porém fugiste
Como o aroma d'um balsamo gostoso,
Que se perde nos labios, como o echo
D'uma nota que o vento arranca á lyra.

Tua alma, como um som d'harpa divina,
Como um tenue vapor d'almos perfumes,
Exhalaste-a em suspiros suavissimos;
Foi tua vida, tão breve, uma harmonia
Destinada p'ra o céu, e por engano
Entre os crimes dos homens começada.

Folga, folga no céu, anjo innocente,
Não manchaste na terra as brancas azas
Nem da taça do mundo o fel provaste;
Foste um raio de luz em céu de nuvens,
Uma estrella cadente abrindo o espaço,
Um hospede entre nós — volveste á patria!

Junho 15, 1844.

A NUVEM.

Que instincto las arrastra? que esencia las mantiene?
Con que secreto impulso por el espacio van?
J. Zorrilla.

Tu que não vives na terra,
Nem yives tambem nos ceus,
Diz'-me, ó nuvem fugitiva,
Diz'-me, diz'-me os fados teus.

Tu que umas vezes risonha
Nos ares tão pura alvejas,
Outras sombria, iracunda
Vomitas chamas, trovejas:

Tu que ora finges um cisne
Navegando em lago immenso,
Ora subtil, vaporoso,
Delgado rolo d'incenso:

Tu ó nuvem fugitiva,
Diz'-me, diz'-me os fados teus;
Vagas incerta, ao acaso,
Ou tens um rumo nos ceus?

Tens por sorte andar errante
Sem ter patria, sem parar,
Viajando eternamente
Nesses desertos do ar?

Será teu fado immutavel
Correr, sómente correr,
Como o nosso cá na terra
Nascer, soffrer e morrer?

Não terás um porto amigo
Onde alfim um dia ancores,
Um só astro, um mar, um lago
A quem chames teus amores?

Diz'-me, ó nuvem fugitiva,
Diz'-me, diz'-me os fados teus;
Onde vais, donde vieste,
De que essencia te fez Deus?

Serás o barco ligeiro
Que sulcando infindo mar
Do Criador os decretos
Vai d'astro a astro levar?

Serás leve, aereo berço
Pelas brizas embalado
Onde os anjos innocentes
Durmam somno socegado?

Serás talvez o tributo
D'aromatico vapor
Que o thuribulo da terra
Envia aos pés do Senhor?

Diz'-me, ó nuvem fugitiva,
Diz'-me, diz'-me os fados teus:
Mas não respondes, voaste,
Não me ouviste... adeus, adeus!

INFANCIA E MISERIA.

Donnez, riches.....
Quand les petits enfants les mains de froid rougies,
Ramassent sous vos pieds les miettes des orgies,
La face du Seigneur se detourne de vous.
V. Hugo.

Se eu tivera o pincel omnipotente
De Rafael, de Rubens, ou de Apelles;
Se o milagroso escopro de Canova
A minha dextra ousada manejasse;
Se na pedra ou na tela a vida eterna
Eu podesse infundir co'um leve sopro,
Que magestoso, que eloquente grupo
Ou na tela ou na pedra hoje criára!

Era um grupo formoso, um quadro augusto
Qual antes nunca vi, qual vejo ainda
No fulgor de verdade ante meus olhos
Que de vel-o e descrel-o se não cançam ;
Não, não era, não foi visão nem sonho
Mas verdade somente... a existencia
N'uma phase commum... a humanidade
No relevo dos factos cinzelada !

Era um grupo formoso, um quadro augusto
Não de amor, de ventura ou de alegria,
Mas de infortunio, e dôr, e de miseria
Casados por ludibrio á innocencia !
Era a infancia dormindo na desgraça,
Esquecendo risonha a voz da fome,
Era a vida a raiar entre os andrajos,
A indigencia assentada ao pé do berço !

Quasi ás portas de um templo consagrado
Ás artes, ao prazer, ao luxo, aos ricos,
Quando a turba pejava as aureas portas
Do marmoreo edificio... ao pé, bem perto
Sobre as humidas pedras do lagedo
Jaziam abraçadas tres crianças
Cujo anjo tutellar, e cujo amparo
Era apenas o somno da innocencia !

Dormiam todas tres; quanto era bello
Vel-as unidas, enfeixadas n'uma,
Repartindo o calor dos tenros corpos
Como o pão que despertas mendigavam!
Quanto era bello o vel-as — como a ave
Que em presença da morte esconde n'aza
A plumosa cabeça — reclinadas
No regaço da fome, e da miseria!

Dormiam todas tres; talvez bem dôce
Roçando levemente aquellas almas
Um breve, meigo sonho de alegria
Fizesse palpitar-lh'os debeis peitos!
Mas não, não póde ser... não póde o Eterno
Deslumbrar-nos em sonhos co'a ventura
Quando se ha-de acordar á voz da fome
Estendendo a quem passa a magra dextra!

Como eram já sombrios, macilentos
Aquelles infantis, serenos rostos
Onde a vida em botão abria a custo
Como a flôr que desponta em plaga extranha!
Nas pallidas feições como se liam
De um precoz soffrimento os negros traços!
Como a livida fome lhes roubava
O placido sorriso da innocencia!

Que triste sorte e amargurada vida
Arrastavam sem queixa aquelles anjos !
Em logar dos brinquedos innocentes
E dos gosos sem par da curta infancia,
Mendigavam, coitadas, no abandono
O pão negro e acerbo da indigencia,
Sem um tecto a não ser o céu da patria,
E sem mãe... senão tu, ó caridade...!

Até quando, ó meu Deus, até que dia
Se ha-de ver no banquete da existencia
Um manjar que não seja para todos,
Um logar de que alguem possa expulsar-se?
Até quando será o mundo inteiro
Patrimonio d'alguns, e para os outros
A penuria, a nudez, o desamparo,
E por só privilegio a fome e o carcere?

Dormiam todas tres; que meigo somno
O veneno da vida lh'adoçava!
Como em cada feição se via impresso
O benefico olvido da existencia!
Irmans no sangue, e na desgraça gemeas,
Embaladas talvez no mesmo berço,
Dormiam todas tres na mesma pedra
Igual somno de infancia e desconforto!

Eu vi aquelle grupo! era formoso
De soffrimento e graça; illuminava-o
De um estranho fulgor a magestade
Sinistra, mas augusta, da miseria!
Eu vi aquelle grupo! assim não visse
Naquelle estreito quadro a negra historia
De muitas gerações... assim não lesse
Teu pungente epigramma, ó sociedade!

Abril, 1850.

DIZ TUDO AMOR.

Imitação.

Quando ligeira
No bosque adeja,
E rumoreja
Briza fagueira,
Seu ciciar
Sob a ramada
Canto de fada
Finge no ar.

Quando innocente
O passarinho
Deixando o ninho
Vôa contente,
Louvando o dia
Na voz que encanta
Um hymno canta
Todo alegria.

Quando o rocio
Brilha deposto
Da flor no rosto
Fresco e macio,
Pendendo a flor
Que elle humedece
Verter parece
Pranto d'amor.

Quando tão pura
Soltando a voz
Linfa veloz
Mil ais murmura,
Os sons que exhala
O pranto excitam,
Um nome imitam,
Que ao peito falla.

Oh! que harmonia
Profunda, immensa!
Para quem pensa
Que alta magia!
Tudo, Senhor,
Tudo respira,
Tudo suspira,
Diz tudo amor!

A UMA JOVEN.

Nossos destinos, senhora,
São ambos n'um ponto iguais;
Somos jovens, e cingimos
Ambos nós c'roas reais:

A vós, senhora, das bellas
O solio cabe por lei;
Eu dos entes que padecem,
Como poeta, sou rei:

Vós empunhais da belleza
Aureo sceptro sem rival;
Eu cinjo da desventura
O diadema fatal:

Cumpramos pois nossos fados
Vós em paz, eu com valor;
Reinai vós pela belleza
Quanto eu reino pela dôr!

JULIA.

Jouez, chantez, soyez l'enfant.
V. Hugo.

Innocente gentil, vem afagar-me,
Chegar teu alvo rosto ao meu tisnado,
Vem poisar-me no collo, entrelaçando
Co'as mãosinhas de neve as mãos fraternas.

Julia, olha para mim; — tremes, córaste?
A venda do pudor cobriu-te os olhos
Onde brilha suave a côr celeste,
Onde um pego de luz tua alma espraia;
Julia, quero-te assim, que o pejo é rosa
Na face da mulher; eu amo a estrella
Que o trémulo fulgor modesta esconde
Nas prégas d'uma nuvem!

Como és linda, meu anjo; — agora, escuta,
Quero ver-te na boca um meigo riso,
Aurora de alegria;
Quero ver ledo zéphiro encrespando
As ondas de carmim, que banham, cobrem
As pér'las de teus dentes!

Assim, meu anjo, assim; ligeiro, breve
Como um ai que morreu, fugiu teu riso;
Julia, sorri-te assim, que mais que os astros
Amo a fita de luz que talha o espaço
N'um rapido momento!

Um brando olhar me volveste
Deste-me apoz um sorriso,
Julia, agora quero um beijo,
Peço o mel do paraizo.

Porém que vejo! — fugiste,
Lingua estranha te fallei;
Ah! brinca, folga, e que o mundo
Não te ensine o que eu já sei!

Abril 27, 1844.

N'UMA HORA DE TRISTEZA.

Moi seul toute la vie!.....
Obligé d'etouffer mes plaintes sons echos.
Lamartine.

Meu triste coração é como o lago
Que as nuvens só reflecte, e nunca os astros,
Instrumento de dôr, fragil arbusto,
Que açoita a viração e quebra o vento;
Qual florinha que nasce em plaga estranha
Meu rapido prazer só dura instantes;
Mal nos labios me roça, mal desponta
Ephemèro sorrir se affoga em pranto.

Não, não acho no mundo uma só alma
Que me saiba entender; não tenho um peito
Onde as vozes do meu topem um echo,
Onde um ai, que exhalar, encontre um ninho.
Se gemo é para mim; morrem comigo
Abafados no peito os meus suspiros
Como plantas que o mar cria no fundo
E que ignoradas morrem.

Se acaso aos olhos meus furtiva assoma
Lagrima que revele angustia acerba
Ninguem nella attentou, ninguem pergunta
«Porque choras, amigo?» uma só dextra
Que me enxugue com dó na face o pranto
Não encontro jámais, nem boca amiga
Que o mel da compaixão me verta n'alma
Com magicas palavras.

Se a nuvem d'uma dôr m'enluta o rosto
E me pende nas mãos a fronte anciada,
Ninguem que m'a sustenha, ou que me diga
«Em que pensas agora entristecido?»
Se ardendo o coração mais rijo bate
Ninguem me conta as pulsações no peito;
Se palpita d'amor, se exangue anceia,
Quem sabe, a quem importa?

Não ha gemeo do meu um peito ao menos
Onde bata por mim uma só fibra,
Um terno coração, em cujas cordas
Vibrem os sons do meu repercutidos;
Abandonado, e só, vivo comigo
Qual nas fragas d'inhospito rochedo
Arbusto solitario!

Março 19, 1843.

A FELICIDADE.

Tranquillo, doce porto demandado
Da curta vida no tormentoso mar,
Verde oásis formoso, mas sonhado,
No deserto, onde temos de passar:

Astro puro e gentil, de mago aspeito,
Que nos mostras de longe a meiga luz,
Mas distas inda mais do berço estreito
Do que do tumulo onde vela a cruz!

Purpurea, bella nuvem passageira
Que tinge o sol da esp'rança em rosea côr,
E um momento depois na leve esteira
Apenas deixas humido vapor!

Ligeira, encantadora mariposa
Que, adiante de nós, foges sem dó,
E cuja aza subtil e melindrosa,
Mal a dextra lhe toca, é cinza, é pó!

Ventura, idolo esquivo, que te escondes
Aos olhos que te buscam sempre em vão,
Echo surdo e fallaz, que não respondes
Ou nos dizes sómente — erro, illusão! —

Ventura, quem és tu, aonde existes,
Tua patria qual é, qual é teu ser,
Nasceste para allivio e paz dos tristes,
Ou vens da nossa dôr escarnecer?

Não serás, por acaso, mais que um sonho
Que nos doira da vida a solidão,
Mimosa flor, n'um vortice medonho,
Que não tem de colher humana mão?

És o pomo fatal da existencia
Que não póde ninguem jámais tocar,
Duro insulto cruel, que a omnipotencia
Á fraqueza dos homens quiz lançar?

Norte, em busca do qual o mundo gira
Encerrado n'uma orbita fatal,
Ventura, não serás senão mentira
Como é tudo na terra, excepto o mal?

Has-de sempre durar, mysterio fundo
De cada geração, de cada ser,
Doloroso problema imposto ao mundo,
E que o mundo não tem de resolver?

Ventura, o lento ardor que nos consome
Não has-de vir um dia inda apagar?
Não has-de ser jámais senão um nome,
Uma sombra impalpavel como o ar?

Não póde ser; existes, ó ventura,
Existes como existe o dia, a luz;
Aonde? bem o sei... na sepultura,
Á sombra d'um cypreste, ao pé da cruz!

A TARDE NO CEMITERIO.

Se viste el color del cielo
Color de los funerales.
D. José Zorrilla.

Pezado manto de nuvens
Envolve o ether profundo,
Funebre crepe que adorna
O templo immenso do mundo.

O sol immovel no espaço
Se acaso assoma uma vez
Tem d'uma tocha funerea
A funerea pallidez.

O trovão se ao longe estala
Parece da terra inteira
Profundo arranco exhalado
Na convulsão derradeira.

O raio talhando os ares
Tem mais sinistro fulgor,
D'encontro ás rochas mais rouco
Do mar s'escuta o fragor.

Tudo, tudo se reveste
Da negra côr da tristeza;
Vê-se a imagem da agonia
No rosto da natureza.

Que tarde! — porém que impulso
De pavoroso mysterio
Aqui me tem, no recinto
Do sombrio cemiterio.

Eu aqui, na feia estancia
Do repoiso derradeiro
Porque impassivel contemplo
Todo este quadro agoireiro?

Que faço aqui, neste campo
Onde ás rajadas do norte
Negro cypreste só vive
Guardando os paços da morte;

Aqui no porto, onde livres
Do furor da tempestade
Vêm os baixeis da existencia
Ancorar na eternidade;

Aqui onde as cruzes singelas
E os soberbos mansoléus
São das victorias da morte
Mil symbólicos trophéus;

Aqui onde a cada pedra,
A cada sombra ou rumor
Por mil phantasticos modos
Dá fórma e vida o pavor?

Que faço aqui, dos finados
Na solitaria mansão?
Oh! peço aos mortos piedade
Já que os vivos m'a não dão!

NO ALBUM D'UMA DAMA.

Tem este livro, senhora,
Uma sagrada missão,
É a historia da nossa alma,
Os annaes do coração,

Um nome aqui, uma data
É uma santa memoria,
Em cada pagina destas
Fica descripta uma historia.

Mas eu, senhora, um estranho
Que vos póde aqui deixar?
Sómente um voto singelo
Que por tal deveis guardar:

É que as folhas deste livro
Volvais, senhora, cada anno,
Sem encontrar n'um só nome
Nenhum fatal desengano!

O TEU OLHAR.

Versão.

Como as folhas dás arvores do monte
Vão caindo uma a uma lentamente,
E a luz do melancholico horisonte
Se espelha, já tão debil, na corrente!

Não te amo, não, ó luz, que és um insulto
Aos meigos sonhos que minh'alma cria,
Amo-vos, sombras, porque dais um vulto
A mil phantasmas que afugenta o dia.

Vi-te uma vez... desde essa vez teu rosto
Occulta idéa em minha fronte adeja,
E quanto mais o vejo, ebrio de gosto
Mais alto o coração me diz que o veja.

Não sei se foi a luz d'esses teus olhos,
Ou viva inspiração da phantasia,
Porém sempre, da vida entre os abrolhos,
Por toda a parte, sem querer, te via.

Tentei cortar a purpurina rosa
Que ufana abria entre mil outras flores,
E vi-te como sempre, mais formosa,
Respirando torrentes de esplendores.

Levei ao templo a minha dôr profana,
Debalde a prece na minh'alma ardeu
Que a luz que em jorros de teus olhos mana
Ah! fulgiu-me inda mais que a luz do céu!

Nos banquetes a que o prazer convida
Que alegres saudações bradando erguia,
E no meio da turba corrompida
Divisava uma luz... teus olhos via!

Quem és tu em quem penso a cada instante,
Que a meu pezar em toda a parte vejo,
Tu, cujo olhar me lança delirante
No oceano de chamas do desejo?

Talvez porções d'uma alma dividida
O mesmo espirito ambos nós alente,
Talvez seja minh'alma a tua vida,
Talvez a tua vida me sustente.

Vem comigo viver nos mesmos lares,
Vem, que ao saír d'este charco immundo,
Envolvidos na luz dos teus olhares
Subiremos aos pés do rei do mundo.

Chegaremos cobertos de fulgores,
Contaremos a Deos a nossa historia,
E Deos perdoará nossos amores
Porque tem nesse olhar proção da gloria.

O cicio das brisas innocentes,
O grato aroma dos jardins viçosos,
Os alegres sorrisos insolentes
Que soltam dos festins impuros gosos;

O placido socêgo que fascina,
O povo que só folga nos cantares,
A tarde quando languida declina,
A voz solemne dos immensos mares;

Que são p'ra mim, que são... se violento
Me opprime o coração um mal profundo?
Que são, p'ra mim, que são, se o pensamento
Despedaça os grilhões e cria um mundo!

Não, não quero manchar-te a formosura,
Que mais alta ambição nutre meu peito,
E receio encontrar na virgem pura
Um coração, p'ra o meu amor, estreito.

Canto-te sim, mas tua vida ignoro,
Bem que possa na vida idolatrar-te:
Quem te adora como anjo, qual te adoro,
Como póde entre os homens ir amar-te?

NO ALBUM D'UM AMIGO.

Este livro é da amizade
O asylo, a ara, o templo;
Vós todos que nelle entrardes,
Vós todos, segui-me o exemplo.

São santas estas paredes
Sacrosanto este logar;
Silencio, amigos, silencio,
Que o silencio é do altar.

Nas aras do sentimento
O silencio é oração;
Quando os labios emmudecem
Melhor falla o coração.

Silencio, não digais nada,
Silencio, que a lingua mente:
Quem aqui entra não falla,
Quem aqui falla não sente!

NOITES DE MAIO.

L'eté lorsque le jour a fui, de fleurs couverte
La plaine verse au loin un parfum enivrant;
. . . . . .
Les astres sont plus purs, l'ombre parait meilleure,
Un vague demi-jour teint le dôme eternel.

V. Hugo.

Serenas, tranquillas noites
De Maio alegre e loução,
Em que o céu é d'anil, de leite as ondas,
Verde alçatifa o chão:

Formosas noites amenas
D'alvacento véu subtil
Que povoais a terra de mil vozes,
E o céu de d'estrellas mil:

Noites d'amor em que tudo
Sabe sentir e fallar,
Em que a voz do oceano á voz do insecto
Seus hymnos vai casar:

Noites que encheis o espaço
De perfume, d'harmonia,
E de magas visões, de arrobos magos
A ardente phantasia:

Noites, noites, que o Eterno
Criou para meditar,
Como o sol para o céu, a flor p'ra o campo,
E a mulher para amar:

Noites de tepidas brisas
E de luar transparente,
Noites de vagos, indistinctos cantos,
E de fragrante ambiente:

Serenas, tranquillas noites
De Maio alegre e loução,
Porque tardais, ó noites formosissimas,
Noites de inspiração?

Não vêdes como chorosos
Dão os salgueiros mil ais?
Que vos chama esta fonte, aquelle bosque,
Prados, montes, pinhais?

Nos gemidos, que entre os ramos
Soltam as auras subtís,
Não se escuta uma voz queixosa e triste
Que — *Saudade* — vos diz?

D'este limpido horisonte,
Daquelle chão matizado,
Dos suspiros da brisa, e mar que geme,
Não escutais obrado?

Não vos chama o doce canto
Do rouxinol innocente?
A fronte que medita, a voz que falla,
E o coração que sente?

Vinde, ó noites seductoras,
De fragancia, luz, frescor,
Inundai meus sentidos d'harmonias,
Minh'alma enchei d'amor;

Amor, por quanto fôr grande,
Amor, por quanto fôr bello,
Amor que abrace a natureza inteira
No mesmo ardor singelo!

Vinde, ó noites socegadas
De Maio alegre e loução,
Vinde ligeiras, não tardeis, ó noites,
Noites d'inspiração!

VINTE E UM D'AGOSTO.

Une mere, vois tu, c'est l'unique femme,
Qu'il faut aimer toujours,
A qui le ciel a mis assez d'amour dans l'ame
Pour chaqu'un de nos jours.

A. de Latour.

I.

Minha lyra aos ais propensa,
Echo fiel de mil dores,
Hoje repulsa a tristesa,
Adorna-te hoje de flores.

*

Não gemas, peito, nem tristes
Fiteis, meus olhos, o chão,
Não corras, pranto, e correndo
Seja de consolação.

Rasgue-se o manto pezado
D'intensa magoa sombria,
Hoje minh'alma respire
Serena, pura alegria.

Alegria, santa e doce
Que de puro amor provém,
Amor sublime, faisca
Do amor que os anjos têm.

Hoje nasceu, fausto dia?
Quem me deu a mim o sêr;
Crime seria a tristura,
Hoje só quero o prazer.

Não soltes, bocca, suspiros,
Esquece, meu peito, as dores:
Minha lyra aos ais propensa
Adorna-te hoje de flores.

II.

Doce raio do paraiso,
Que me aviventas na terra,
Minha mãe! — este só nome
Quantas doçuras encerra!

Minha mãe — estrella pura
D'esp'rança, crença, e amor,
Hoje foi que tu raiaste
Neste horisonte de dôr.

Raiaste... depois me foste
Fiel, propicio fanal,
Ninho d'afago e ternura,
Onde escapo ao vendaval.

Tu me guiaste na vida
Os primeiros passos meus,
Tu mostrando-me tua alma
M'ensinaste a crer em Deus.

Os lirios da vida me deste
Colhendo sempre os abrolhos,
Cegaste quasi de pranto
Quando cegaram meus olhos.

Foi então... na longa noite
Da perda longa da luz
Que mais soffreste, e sem queixa
O pêzo da minha cruz!

III.

Harpa de mil harmonias,
Fonte só de puro bem,
Que thesoiro haverá no mundo
Que valha uma alma de mãe?

Oh! feliz quem te possue,
Ente d'angélica essencia,
Estranho sêr, que não vives
Senão da estranha existencia!

Feliz eu, que te possuo
Joia d'amor sem egual;
Sim, feliz; sorri-me um anjo
O mais que importa, que val?

Que me importa que um deserto
Seja a meus olhos o mundo,
Se naquella alma celeste
Me resta oásis jucundo.

Que importa que minha vida
Seja uma c'roa d'espinhos,
Se não me faltam as rosas
De seus tão meigos carinhos?

Que m'importa que outro peito
Me negue sua ternura,
Se um outro amor me acompanha
Desde o berço á sepultura?

IV.

Amor, que disse! — palavra
De negra, amarga ironia,
Taça d'oiro onde se bebe
Veneno, fel, agonia!

Traidora, nuvem mimosa
Que serena agora alveja,
Logo á voz da tempestade
Fusila, corre, troveja.

Amor! — formosa chimera
Que doira o sol da illusão,
Cheiroso arbusto que abriga
Da serpe occulto o farpão.

Amor! — oh! nunca tal nome
Minha boca mais profira;
Fuja do peito, nem tenha
Uma só corda na lyra.

D'ambrozia quero a taça,
Só quero a nuvem fiel,
Singelo arbusto, onde occulto
Não durma a serpe cruel.

Quero só... mas a meu lado
Tu me concedes, meu Deus,
Essa faisca divina,
Esse milagre dos céus!

Agosto 21, 1845.

A PRIMAVERA.

Como tudo está contente!
Como bello é tudo aqui!
O ar é doce, o céu de leite!
A natureza se ri!
A. F. de Castilho.

Como as nevoas da tristesa
Despe agora a criação!
Como anima a natureza
Doce vital emoção!
De um céu de graças composto
Como é alegre o seu rosto!
Como diz ventura, gôsto
Em cada riso e feição!

Já não se enlutam os ares
De sombrio, espesso véu,
Que a negra côr dos pezares
Faz trajar a todo o céu;
A serra agora florída,
Do niveo manto despida,
Já não semelha sem vida
Triste, immenso mausoléu.

Soltando a voz, que costuma
Nos proprios astros echoar,
Ferventes montes d'espuma
Já não ergue irado o mar;
Tudo agora é paz, bonança,
Traja a terra a côr da esp'rança,
Dorme a procella, e a matança
Deixa o tigre para amar.

Tudo já presente Maio,
Maio festivo, loução,
Que rouba ás nuvens o raio
E ao oceano o aquilão;
Tudo agora é festa e gala,
Tudo em perfumes s'exhala,
Tudo sorri, tudo falla,
Como eloquente pregão!

Chegaste em fim, Primavera,
Surgiste, ó astro gentil,
Que o proprio grito da fera
Amacias no covil;
Chegaste, ó mãe dos amores,
Annunciam-te as mil flores,
As formosas, varias côres
De que os prados tinge Abril.

Salvè, salvè, anjo formoso
Que Deus á terra mandou,
Aurora de paz e gôso
Que em toda a parte raiou;
Mal vieste, ó feiticeira,
E sorri-se a terra inteira
Como na hora primeira
Em que o Senhor a criou.

Sê bem vinda! oh! sê bem vinda,
Rainha das estações,
Vaporosa fada linda
De mil celestes condões;
Vem vestir de gala o prado,
O monte, o céu azulado,
Vem ao pastor namorado
Ensinar ternas canções.

Vem, ó formosa rainha,
Com teu sceptro d'alecrim,
Transformar a patria minha
Em lindo eterno jardim;
Vem que tens selvas umbrosas
Onde entre murtas cheirosas
Terás um throno de rosas
Em que tu reines sem fim.

Vem fazer de cada peito
Um alaúde dos céus,
Que lhes renda humilde preito
Nos humildes cantos seus;
Vem, da terra dos verdores
Vem fazer um mar de flores
Que seus magicos odores
Envie ás plantas de Deus!

N'UM ALBUM.

Da Ex.ma Sr.a D. M. de S. V. Pinto Coelho.

Se a belleza algumas vezes
Não é dadiva funesta,
Doirada c'rôa luzente
Que seduz, mas fere a testa;

Se nos combates da vida,
Em vez de uma arma infiel,
É sempre austera consciencia
Impenetravel broquel;

Se o genio não é na terra
Fatal dom que se deplora,
Mas uma chama que brilha
E não fogo que devora;

Se trazem dita — o engenho,
A virtude, a formosura,
Melhor que vós, gentil dama,
Ninguem conhece a ventura!

A ORAÇÃO NO ERMO.

Les yeux ont des larmes furtives
Qu'ils n'osent confier qu'aux bois.
P. Flaugergues.

* * * *

Aos pés da cruz solitaria
D'um ermo val
Choravas um dia, ó virgem,
Occulto mal.

Rojando no pó da terra
Teu branco véu
Erguias as mãos convulsas
Ao alto céu:

Tinhas no càndido rosto
Perdida a côr,
Os olhos baços e os labios
Já sem rubor:

Como a vergontea que açoita
O furacão
Tua fronte radiante
Buscava o chão:

Sôltas as tranças ao vento
Davas mil ais
Que mil echos repetiam
Mais tristes, mais:

Eras a imagem formosa
Da crua dôr
Dando o tributo do pranto
Ao Criador!

Quem te visse orar chorando,
Chorando assim,
Como eu cri, na vinda crêra
D'um cherubim;

D'um cherubim, que este mundo
Vinha remir
De mil delictos, á custa
D'orar, carpir!

E eras um anjo no rosto
E na missão,
Mulher só no soffrimento
E coração.

Mas porque oravas, ó virgem,
Em mágoa tal,
Junto á pedra solitaria
Da cruz do val?

É que ha lagrimas secretas,
Ha fundos ais,
Que se revelam aos bosques,
E a ninguem mais:

É que as preces fervorosas
Do coração,
Não acham templo mais santo
Que a solidão!

A UMA JOVEN.

Não me offendo, não, senhora,
De me chamardes poeta,
Que uma boca tão formosa
Não póde ser indiscreta:

Se é poeta o que é fadado
Para soffrer e amar,
Que outro epitheto mais proprio
Me poderieis vós dar?

Que soffro, que me devora
Secreto, lento desgosto,
Se alto o diz a minha lyra
Dil-o mais alto o meu rosto;

Que amo... que tudo o que é bello
Adoro, busco, desejo,
Não o diz a minha boca,
Porém dil-o... o vosso pejo!

Podeis, pois, se vos agrada,
Dar-me o nome de poeta,
Que a palavra, como a entendo,
Não é por certo indiscreta.

O BEIJO RESTITUIDO.

A Maria.

Colpa é del tuo sembiante
La libertá del labbro.
Metastasio.

Ouvindo o gemer das aguas,
Da brisa ouvindo o bafejo,
Ao teu lado, a sós comtigo,
Errava á beira do Téjo:

Espelhava-se no rio
A lua com seu cortejo;
Era noite... bella noite!
Por outra debalde almejo!

Ambos sós... ninguem nos via.
Tive um subito desejo,
E perguntei-te, innocente,
Se tu me davas um beijo:

Perguntei-t'o ardendo em fogo
Como ainda agora me vejo,
E respondeste co' um riso
Ao meu supposto gracejo:

Insistí... reconheceste
Que era serio o meu desejo...
Não respondeste, córaste,
Baixando os olhos de pejo:

Hesitei inda um momento,
Mas veloz como um lampejo;
Bem quiz... não pude, arrastou-me,
Venceu-me o louco desejo:

Furtei-t'o... fui indiscreto,
Bem sei, não nego, bem vejo...
Mas teu rosto era tão bello,
Era tão bello o teu pejo!...

Furtei-t'o... mas, em castigo
De tanta audacia e despejo,
Basta o remorso que eu sinto
De te furtar... um só beijo!

Porém se não te contenta
O meu remorso, o meu pejo,
Recebe-o, ó bella, recebe-o,
Que eu já não quero o teu beijo!

QUE PEDES?

A um amigo.

Que más podeis pedir? que más podiera
Ofrecer con verdad mi pobre pecho?
G. G. Avellaneda.

Que me pedes, amigo? — um doce canto
N'uma hora de tristeza e d'amargor?
Um hymno, quando a voz m'embarga o pranto,
E nada um coração n'um mar de dôr?

Que pertendes? que eu cante a existencia
Como infante a sonhei na ardente fé?
Quando á luz da razão, e da exp'riencia
A vejo a cada instante, e sei qual é?

Pedes hymnos talvez d'amor, ternura,
Ou cantos de sacrilego prazer,
Quando uma idolatrada sepultura
Me pede quanto pranto eu sei verter?

Agora que á minh'alma um doce abrigo
A morte para sempre me roubou:
Quando sinto co'a falta d'um amigo
Que uma corda no peito me estalou;

Agora que o silencio, e o mesmo pranto
São além de dever, consolação,
Ha-de a lyra soltar agora um canto
Quando arqueja na dôr o coração?

Não, que fóra á minha alma acerbo insulto
Tanta mágoa n'um cantico olvidar;
Eu que sei dar á propria dôr um culto,
Não hei-de eu mesmo profanar-lhe o altar!

Não; ha dias fataes, fataes momentos
Em que fôra o cantar affronta ao céu;
Eu, victima d'estranhos soffrimentos,
Não serei de tal crime o impio réu.

Pede ás nuvens a luz, a sombra ao dia,
Ás ondas o socêgo, á rocha a flor,
Não me peças a mim uma alegria,
Não me peças canções, pede-me dôr!

Canções! pede-as ás lyras venturosas
Que desfere indiff'rente e fria mão,
Não á minha, onde as cordas melindrosas
Intimas fibras do meu peito são.

Um canto? só de lagrimas composto,
De lagrimas sómente e fundos ais...
Outros não tenho... attenta no meu rosto
E vê se posso offerecer-te mais.

Um canto? não m'o peças, não, que a lyra
Jaz como este peito em luto, em dôr,
E quando o coração na angustia expira
Sei apenas ser homem, não cantor.

Não, que a dôr é da terra, aonde impera,
E divina, e celeste a inspiração;
Como ha-de erguer-nos uma além da esphera
Quando a alma nos prende a outra ao chão?

Agosto 19, 1850.

A ROSA.

Oubliez la fleur éphemére
Qu'un jour d'orage fait mourir.
P. Flaugergues.

O lyrio diz innocencia,
Do lyrio me apraz o alvor;
Lembra o passado a saudade,
Da saudade amo o pudor.

Amo a roxa violeta,
Amo a perpetua singela,
Amo tudo em que não vejo,
Onde é muda a imagem *della*.

Mas a rosa tem espinhos,
E tem, como *ella*, o rubor,
A rosa diz alegria,
Diz ventura, e diz amor.

No lindo imperio das flores
Tenha embora a primazia,
Nasce e abre, secca e morre,
Triste rainha d'um dia.

É a imagem da belleza,
Os espinhos só lhe achei;
É symbolo da ventura,
Esse nome apenas sei.

Não amo, despréso a rosa,
Para mim não tem valor;
Quero o martyrio, ou a murta,
Quero quanto exprima a dôr!

Abril 23, 1844.

ANTES A MORTE.

Estala, coração, estala, acaba,
Não tens uma só fibra
Que ao golpe d'uma dor não retinisse.
Magalhães, Susp. Poet.

Como custa o soffrer! — como é sangrento
O punhal d'uma dor, quando se embebe
No coração transido:

Como custa o pungir de mil espinhos
Rasgando uma por uma as fibras todas
Do peito angustiado!

Soffrer, sempre soffrer! — missão funesta
Chorando o homem nasce, e vive em pranto,
Em lagrimas se fina;
Em busca d'uma sombra que lhe foge,
D'uma nuvem ligeira, que mal doira
O sol das illusões, fallaz esp'rança,
Em busca da ventura ei-lo correndo
Ao encontro... do tumulo!

Ventura! nome vão, ficção risonha,
Mariposa inconstante,
Lindo insecto fugaz, que nos fascinas
Co'o postiço fulgor das azas lindas,
E nos foges esquivo;
Ventura, nome vão, eu te despréso,
Teu doloso sorrir já não me engana,
Hypocrita deidade!

Illudi-me tambem, e sorvo agora
Todo o fel do pezar, todo o veneno
Da tardia exp'riencia;

E resta-me o soffrer, alimentando
Tantas ancias crueis dentro do peito
Como cria de vermes uma ossada,
Carcomida caveira!

Soffrer, sempre soffrer! — e sem esp'rança,
Sem remedio talvez não sendo a campa,
Hei-de á taça da vida acerbas fezes
Esgotar socegado?
Hei-de mil mortes supportar cada hora,
Novos tormentos cada instante novo,
Sem que a dextra com ira despedace
O calix da existencia?

Oh! parece que Deus jamais se lembra
De quem lança no mundo, ingrato vortice
De mesquinhas paixões, de torpes vicios,
Desregrados caprichos!
Parece o mero acaso a lei da terra,
Onde é só mais feliz quem tem mais crimes,
Onde o premio que tem o sabio, o probo,
São do martyrio as palmas!

Soffrer, sempre soffrer! sentir no seio
Quando acetico fel raivoso espuma
E se enrosca subtil vipereo monstro
A devorar-nos lento!...
Oh! não, antes morrer, antes um ferro
Direito ao coração cravar bem fundo...
Ou fraqueza, ou delirio, ou crime, ou tudo,
Antes, antes a morte!

Janeiro 31, 1843.

A ESPERANÇA.

L'espoir, c'est l'aube incertaine;
Sur notre but serieux
C'est la dorure lointaine
D'un rayon mysterieux.

V. Hugo.

Que importa? não seja embora
Alegre, risonha festa,
A vida, clarão d'uma hora,
Não é dadiva funesta.

Como o verme que imprudente
Fabrica a têa onde expira,
É o homem quem na mente
Cria o inferno em que delira:

Mil abysmos tem o mundo,
Tem mil procellas a vida,
Mas ao pé do abysmo fundo
Vê-se uma doce guarida:

Véla um anjo a nosso lado,
Anjo de paz e de gôso,
Sorri ao mais desgraçado
Como sorri ao ditoso:

Balsamo de cada chaga,
De cada alma luz querida,
És tu, esperança maga,
Que vens doirar-nos a vida!

Farol da immensa luz consoladora
Que em pélago iracundo vens brilhar:
Segura, unica taboa salvadora
Nos naufragios do mundo, incerto mar;

Esperança, alma flor que ao pó da vida
Dás perfume, dás gala, dás frescor,
Como o sol que a uma pedra envilecida,
A um seixo sem valia, dá fulgor:

Esperança, meigo astro feiticeiro
Cujo esplendido brilho nos seduz,
Que despontas no berço, e mais fagueiro
Nos inundas a campa em doce luz:

Tu, prisma seductor, que a terra, o espaço
Nos mostras através de lindo véu,
Invisivel cadêa, tenue laço
De que pende a existencia prêsa ao céu:

Esperança... não deixes sem alento
Uma alma que precise de valor,
Que se foges tambem do soffrimento
Quem nos ha-de embalar no peito a dôr?

Vem, esperança,
Á alma afflicta
Que só palpita
Pela bonança,

Vem dar consôlo
Trazer a paz,
Mostrar n'um riso
O paraizo
Embora em sonho
Curto, fallaz.

Vem, ó celeste
Raio d'amor,
Vem que na terra
De ti precisa,
Como da brisa
Precisa a flor,
Todo o tormento
Rapido ou lento
Que gere a dôr.

Um Deos potente
Por socia e guia,
Por luz, por dia,
A todo o ente
Te deu clemente.
Vem, não te esqueças
D'uma só mágoa,
A cada frágoa
Mitiga o ardor:

Vem, cada peito
Que ulcéra a dor,
Te sagra um templo,
Anjo d'amor!

Embora o encanto
Dos sonhos teus,
Como um lampejo
Roçando os céus,
Fuja e nos deixe
Em vez de rosas
Frescas, viçosas,
Tristes e mudos
Os mausoléus...

Que importa? embora
Venhas mentir-me,
Ah! por piedade
Tenta illudir-me;
Vem — se a verdade
Em vez de bella
É feia e triste
Bemdito o sonho
Doce, risonho
Que luz, que existe
Para esquecêl-a!

O CHORÃO.

J'aime son feuillage eploré,
La paleur m'en est douce et chere,
Et son ombre sera legere
A la terre oú je dormirais!
A. de Musset.

Amo o cedro, o roble agreste,
Amo o gigante cypreste,
Que me falla ao coração;
Mas inda mais, porque chóro,
Inda mais — de tal não córo —
Amo o funebre chorão.

Triste chorão pensativo,
Só tu não te ergues altivo
Olhando ufano p'ra os céus;
Envolto em lugubre manto,
Só tu, imagem do pranto,
Procuras os mausoléus.

Amo-te as verdes madeixas
No desalinho em que as deixas
Da terra varrendo a flor,
Como amo a virgem chorosa
Que a negra trança formosa
Arrasta e pisa na dôr.

Debruçado sobre as aguas,
A quem revelas as máguas,
Tu pareces meditar,
Meditar como o proscripto
No longo espaço infinito
Que lhe rouba o patrio lar.

Escutando os ais da brisa
Nos prados, que Deus matisa,
Vives triste, mudo, só;
Beijando co'a face a terra
Das illusões, que ella encerra,
Pareces mostrar o pó!

Não vês na vida uma festa,
Antes dadiva funesta,
Que nos cumpre receber,
Cadêa d'immensas dôres,
Que apenas doiram fulgores
D'algum rapido prazer.

Entendes bem a existencia...
Pégo de rija inclemencia,
Que temos d'atravessar;
Bem a entendes — tens motivo
De ser triste, pensativo,
De gemer e de chorar.

Feliz, feliz de quem chora,
Fuja o dia ou rompa a aurora,
Dês que nasce até morrer;
Feliz, feliz, que na terra
Não prova as fezes, que encerra
Cada taça de prazer!

Dos felizes d'este mundo,
Não te importe o rir jucundo,
Não o creias, que é fallaz;
No regato cristalino
Tambem habita ferino
O crocodilo voraz.

Sim feliz; tu sempre choras,
Tu comtigo não devoras
As lagrimas, dom do céu;
Feliz, sim, que não careces
D'occultar quanto padeces
Em risonho, falso véu!

Gemer, gemer sem ter pejo,
Chorar se temos desejo
Não podemos sempre nós;
Seja qual fôr o desgosto
Se transparece no rosto
É como a sombra veloz.

Quantas vezes no meu canto
Não disfarço amargo pranto
Que dos olhos quer saír!
Quantos duros soffrimentos,
Quantos espinhos cruentos
Não escondo n'um sorrir!

Chorar, chorar, como choras
Sem temer sitio nem horas,
Quem me dera tal condão!
Pareça ou não desatino,
Oh! que invejo o teu destino
Triste, funebre chorão!

PORQUE CHORAS?

Ben mio, por Dios te ruego,
Serena el triste quebranto,
Non vale tan bello llanto
Cuanto el mondo encerra en si.
Arriaza.

Innocente, porque choras,
Porque imploras
Delirante o meu amor?
Não sabes, anjo, que a taça
Da desgraça
Tem do fel o amargor?

É meu halito funesto
Sopro infesto
Que te ha-de o viço roubar;
Da vida o lago sereno
Co'o veneno
De meus dias vais turbar.

Ornam-te as faces as rosas
Tão formosas
D'um angelico pudor;
Ah! não queiras desfolhal-as
E trocal-as
Pelos goivos desta dôr!

Não quero pagar carinhos
Co'os espinhos
D'uma triste condição;
Tu és a flôr deslumbrante
E eu errante
Sou talvez o furacão!

Tens no mundo uma existencia
D'innocencia,
D'innocencia e de prazer;
Não queiras dos desenganos
Os arcanos,
Mil arcanos aprender!

És vergontea delicada
Bafejada
Pelos zéphiros subtís:
Foge do tronco despido
Que fendido
Vegeta nos alcantís!

Tu acharás quem te adore,
Quem implore
De joelhos teu amor;
Eu só posso da desgraça
Dar-te a taça,
Dar-te a taça d'amargor!

O CREPUSCULO.

C'est l'heure où, sous l'ombre inclinée,
Le laboureur, dans le vallon,
Suspend un moment sa journée,
Et s'assied aux bords du sillon!
Et c'est l'heure où l'ame qui pense
Se retourne et voit l'esperance
Qui l'abandonne en son chemin!

Lamartine.

I.

Envolto de roseas nuvens
No tenue, purpureo véu,
Já semimorto no occaso
Pende o astro, rei do céu.

*

São seus raios moribundos
Debeis, tepidos, escassos,
Como á beira do sepulchro
São frouxos, lentos os passos.

Lá desce, lá cai, lá morre,
Fugiu do ermo horisonte,
Só fica um pallido raio
Além, na crista do monte.

Deixou-a... agora lá cinge
A fronte ufana da serra,
E n'um beijo derradeiro
Dá o extremo adeus á terra.

Sumiu-se... do rei dos astros
Já não resta um raio só,
Como o ultimo dos vermes
Parece occulto no pó!

Sumiu-se... chegaste, ó hora
D'um extasi scismador,
Hora de luz e de sombras,
Hora de calma e frescor!

II.

Sê bem vinda, hora formosa
De feiticeira magia,
Em que a terra verdejante
Vai despedir-se do dia:

Duvidoso, breve instante
De sombras e de clarão,
Em que um manto vaporoso
Desenrola a criação:

Hora de pallidas sombras
E de indistincto fulgor,
Em que traja a natureza
Vacillante, dubia côr:

Doce instante fugitivo
Que breve se esvai no espaço,
Em que juntos, noite e dia,
Dão terno, rapido abraço:

Hora fagueira, em que a terra
Exhalando em tudo amor,
Tem os canticos da harpa,
Tem os aromas da flor:

Sê bem vinda, hora formosa
De perfume e d'harmonia,
Em que a tarde moribunda
Seu terno adeus balbucia!

III.

Quanto é bello este momento
D'uma vaga indecisão,
Em que ostenta cada objecto
Vaga, indistincta feição!

Como uma timida virgem,
Que evita os olhos do céu,
A terra inteira se esconde
Meia coberta d'um véu.

Esta hora é doce gemido
Que tristemente suspira,
Partida nota confusa
Do universo, eterna lyra.

Como um difficil problema
Que resolve a criação,
A terra incerta vacilla
Entre a luz e a escuridão.

É esta a hora em que tudo
Observa, sente, medita,
Em que se vê a incerteza
No rosto de tudo escripta.

É esta a hora em que o mundo
É uma duvida immensa,
Que do braço do Eterno
Se vê no espaço suspensa.

IV.

Hora fagueira, tão breve,
Do saudoso fim do dia,
Em que o meu peito se inunda
De tristeza e d'alegria:

Doce hora em que o retrato
Da dúvida se me ostenta,
Da dúvida, que ora esmaga,
Ora ri, affaga, alenta:

Suave hora que pertences
Á noite escura e ao dia,
Como ao prazer e tristeza
Pertence a melancholia:

Crepusculo, grato mixto
De trevas e de fulgor,
Transumpto do homem, abysmo
De venturas e de dôr:

Crepusculo, doce imagem
D'alma que espera e descrê,
Como tu és luz e sombras
É ella descrença e fé:

Tal é minh'alma... um composto
De luz e noite sombria,
Como tu, minha hora bella,
Bella hora do fim do dia!

V.

Vem, doce hora, vem trazer-me
Na tua aza vaporosa,
Outro crepusculo, a triste
Melancholia saudosa:

Vem inundar-me os sentidos
De morbida embriaguez,
Mergulhar-me o pensamento
Nas doçuras do *talvez*.

Do *talvez!* — oh! se não fôra
Esta magica expressão,
Que seria a existencia
Senão vil, torpe irrisão?

Breve hora intercallada
Por entre as sombras e o dia,
Que do dia tens as graças,
E tens da noite a magia:

Tu retratas a minh'alma
Nas duvidas que ella encerra,
És a imagem do meu peito,
Como és a imagem da terra:

És a hora da incerteza,
E a incerteza é o mundo,
Por isso te amo, e te canto,
Curto momento jucundo!

A PARTIDA.

Ao meu amigo A. E. Zaluar.

É no momento em que sôa
A hora negra e fatal
Em que te rouba a desdita
Ao meu e teu Portugal;

É no momento em que deixas
Os nossos limpidos ceus
Que pedes á minha lyra
Mais um cantico dos seus?

Um hymno... quando tu partes,
Quando me deixa um irmão,
Quando sinto que me escorre
Pranto e sangue o coração!

Um hymno... quando esta terra
Mais um filho vai perder...
Quando o que posso, o que devo
Não é cantar, é gemer!?

Oh! cantem nesse momento
Da amisade os vís atheus,
Que o meu canto da partida
É o pranto do adeus!

ESQUECER-TE.

Tu les liras ces vers.....?
Toi dont la douce image en tout lieu me poursuit,
Tu les liras ces vers que mon cœur te dedie,
Toi que ce cœur implore et qu'il nomme tout bas!

P. Flaugergues.

Em vão pedes, debalde me ordenas
Que te risque do meu coração;
Fundos, fundos quaes são minhas penas,
Meus affectos d'um dia não são.

Esquecer-te! — que dizes, que pensas?
Como posso teus votos cumprir
S'inda luto co' as fragoas immensas
D'um amor que s'enrosca ao porvir?

Esquecer-te! — e p'ra sempre — e tu creste
Que podesse meu peito domar,
Que uma chama d'origem celeste
Só co' um sôpro fizesse apagar!

Vejo agora que nunca dest'alma
Nem sonhaste sequer a extensão...
Tão depressa alto mar não se acalma,
Não se abafa tão cedo o volcão!

Esquecer-te! — jámais! — sepultal-o
Esse amor inda vivo, sem dó...
Arrancar, destruir sem abalo,
Essa esp'rança lançal-a no pó...!

Ir banir-te, arrancar-te do peito
Quando sinto que vivo de ti,
Quando tudo m'ensina o preceito
De te amar como quando te cri!

Esquecer-te! — acreditas que o possa?
Dessas almas de limo não sou!
Quanto sinto co'o tempo se engrossa,
Mão de ferro cá dentro o gravou.

Pede, á lyra d'um bardo saudosa
Que se esqueça de triste gemer,
Pede ao peito da virgem formosa
Que se esqueça d'arfar, de bater!

Que se esqueça do chão que matisa
Pede á tenra florinha do val,
Que dos beijos se esqueça da brisa
Pede pede ao viçoso rosal.

Pede, ao rio que olvide os salgueiros,
Que se esqueça das praias ao mar,
Dize á relva que olvide os oiteiros,
Pede ás aves se esqueçam do ar.

Esquecer-te! — se em tudo se imprime
Tua imagem, transumpto do céu,
Se me segue, qual sombra do crime
Sempre em busca dos passos do réu!

Coimbra, já vou deixar-te,
Vou p'ra sempre abandonar-te,
Linda flor de Portugal!

Risonha terra formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil;
Risonha terra... é forçoso
Dar-te o adeus doloroso
Entre gemidos aos mil.

É forçoso... a cada instante
Se encurta o prazo fatal...
Mais uma hora... e já distante
Esta collina, este val!
Maior que a dita de vêr-vos
Ai! a mágua de perder-vos
Quanto não é por meu mal?!

Chega sim, chega o momento
De dizer-te o extremo adeus...
Negro, cruel pensamento
Que abysma todos os meus!

Coimbra, a patria me chama,
Mas que é a patria a quem ama
Estes montes, estes céus?

Não foi nos campos viçosos
Do Mondego, que nasci...
Mas, ó terra dos meus gosos,
Mais te devo, aqui — vivi! —
Vivi, sim, e vou deixar-te,
Tenho a patria n'outra parte,
Mas a alma... tenho-a aqui!

Amenos prados, fagueiros,
Chorosa fonte d'Ignez,
Cedros, e verdes salgueiros,
Que me ouvistes tanta vez!
Vou perder-vos! ai! quem ha-de
Matar-me a longa saudade
Em tão longa viuvez?

Tempos de doce memoria,
Que eu nunca mais gosarei,
Sonhos d'amor e de gloria,
Que eu aqui alimentei,

*

Como allivio ao meu tormento,
Gravai-vos no pensamento,
Ó sonhos que eu tanto amei!

Aqui passei da existencia
A mais florida estação
Sem as lições da exp'riencia
Que envenena o coração;
Tive aqui por doce abrigo
Em cada peito um amigo,
Em cada amigo um irmão!

Aqui vivi rodeado
De virtude, paz, amor,
Vendo o mundo refalsado
Por um prisma seductor;
Aqui sonhei doces sonhos
Longe dos dias medonhos
D'um futuro assustador.

Aqui meus dias correram
De ventura e de prazer,
As musas aqui me deram
Seu mel primeiro a beber:

Aqui tudo me foi caro,
Porém tudo o tempo avaro
Me faz agora perder!

Adeus, pois, doirados dias
De fraternal união,
Adeus, puras alegrias,
Horas de meiga expanção,
Adeus, montes, valles, tectos,
Adeus, ó nobres affectos,
Adeus, viva inspiração!

Adeus, ó terra bemdita,
Adeus, rio, fontes, céus,
Por quem meu peito palpita
Por quem são os votos meus;
Adeus tambem, mocidade,
Innocencia, liberdade,
Que tudo encerra este adeus!

Maio 16, 1848.

A VIDA.

No album d'uma Dama

A vida é como o oceano
Que ora dorme socegado
Ora á voz da tempestade
Açoita os astros irado:

A vida é como o fructo
D'um aspecto encantador
Mas onde sempre se encontra
Uma porção d'amargor:

A vida é qual firmamento
Que ora asulado scintila,
Ora envolto em negro manto
Troveja em chammas, fusila:

A vida é como uma rosa
De perfumes recendentes
Qne a par das folhas mimosas
Tem os espinhos pungentes:

Seja a vossa o mar sereno,
O fructo sem amargor,
O firmamento sem nuvens
E sem espinhos a flor!

A VOZ DOS FINADOS.

Quand la cloche des tenebres
Balance ces glas funébres,
La nuit, a travers les bois,
A chaque vent qui s'eleve
A chaque flot sur la greve,
Je dis: N'es tu pas leur voix?
Lamartine.

Calam as aves nos bosques,
Deslisa em silencio o rio,
E, qual lampada funerea
D'um templo immenso vasio,
Dormita o sol entre nuvens
No horisonte sombrio.

Encobre um véu de tristeza
A cidade, o monte, o prado;
Tudo é mudo; apenas se ouve
Grave, lugubre, pausado
Gemer no alto das torres
Augusto bronze sagrado.

Silencio! — não ouvís em cada nota
Dos funebres signais
Um intimo lamento, um ai immenso,
Composto de mil' ais?

Cada dobre, que ouvís, não vos semelha
Um lugubre gemido,
Que o echo das montanhas balbucia
Lacrimoso e sentido?

A cada voz, que sólta o bronze augusto,
Solemne e maguado,
Não adeja nas azas do nordeste
Um soluço cortado?

Em cada som daquelles não rebôa
Um arranco profundo,
Um brado agonisante, o adeus supremo
D'uma existencia ao mundo?

Silencio! — não ouvís em cada nota
Dos funebres signais
Um intimo lamento, um ai immenso,
Composto de mil ais?

Ouvistes... é dos finados
A rouca, funerea voz,
Que nos diz — «Ó pó dos vivos,
Busca o pó de teus avós.»

Eia... que os mortos vos chamam,
Vivos, segui-me o exemplo,
Que o bronze triste e solemne
A todos vos chama ao templo.

Arrebatados na vida
Pelo tufão do presente
Ide sagrar ao passado
Um curto instante sómente.

Deixai da festa os sorrisos,
De gala despi as vestes,
Trocai o culto das rosas
Pelo culto dos cyprestes.

Tange o sino; é dos finados
A rouca, funerea voz;
Pó animado dos vivos
Busca o pó de teus avós!

Segui, segui a voz que vem das campas,
Correi, vivos, correi,
E a divida sagrada, que vos lembra,
Solvei todos, solvei.

Os templos enlutados vos esperam,
Ide carpir, orar,
Que o tributo das preces e do pranto
É facil de pagar!

Novembro 2, de 1849.

A UMA JOVEN POETISA.

Para ti son la risa y los festines.
J. Zorrilla.

Tambem tu, ó virgem bella,
N'uma harmonia singela
Podes tua alma exhalar?
Tambem tu sentido canto,
Tão sentido como o pranto,
Sabes do peito arrancar?

Tambem tens uma aurea lyra,
Que tão cadente suspira
Tristes queixas, doces ais?
Tambem gemes, tambem choras,
Tambem tu a morte imploras
N'alguns momentos fatais?

Tu que ainda da desgraça
Não libaste a negra taça,
Já te sentes sem valor?
Tu na aurora da existencia,
Sob as azas da innocencia,
Tambem tu cantas a dôr?

Da vida nos mil caminhos
Não achaste inda os espinhos
Onde rasgamos o pé...
E já não tens uma crença,
Nem restos da esp'rança immensa,
Nem um vislumbre de fé?

Tu, innocente, formosa,
Singela, candida rosa,
Fechada em casto botão,
Tu queixando-te da sorte,
Qual se frio, irado o norte
Te desfolhasse no chão?!

Ah! donzella a tua lyra
De falsa musa se inspira
Nas lamentosas canções;
Tuas dores, tuas mágoas,
Fugitivas, como as aguas,
São apenas illusões!

Que soffres? no mar da vida
Não viste inda embravecida
Negra furia, o vendaval;
Longe, longe das tormentas,
Essa vida que lamentas
É banquete festival.

Onde vives, onde assomas,
Puro ambiente d'aromas
Tu respiras como a flor;
Em vão buscas no horisonte
Negra nuvem, negro monte
Que do céu te roube a côr.

Não, donzella, não padeces,
Sem motivos entristeces,
Tu blasphemas sem razão,
No teu semblante sereno
Não ha signaes do veneno
Que lavra no coração!

Tens na vida lympha pura
Onde os limos não mistura
Doida corrente veloz;
Que conheces da desdita?
Viste-lhe a face maldita?
Já sequer lh'ouviste a voz?

Sim, donzella, o que exp'rimentas
Dista muito das tormentas
D'este mundo torvo mar;
Que importam penas ligeiras
Se dias, noites inteiras
Aqui se véla a chorar?

Deixa pois, ó virgem, deixa
Essa lyra que se queixa
Em sentidos, longos ais:
Tu, virgem, nunca soffreste,
E a poesia celeste
É dos tormentos reais.

AO ANNO VELHO.

Acaba, anno funesto, acaba cêdo,
Teu halito fatal depressa extingue,
O soluço extremo d'uma vez arranca.
Do oceano dos tempos, onde volves,
Vai descançar no fundo, até que um dia
O tremendo clangor da tuba immensa
Te convoque ao juizo temeroso
Do monarcha dos homens e dos sec'los.

Raiaste envolto nas espessas nuvens
D'um negro, procelloso firmamento;
Foi o teu berço um berço de misterios
Que sinistros presagios embalaram;
Envolto em densas nuvens tambem desces
Ao sepulchro voraz, onde te esperam
Um immenso cortejo d'infortunios
E uma negra mortalha... o odio eterno.

Na balança do bem quanto pezaste?
Que gloria, que esperança, que fortuna,
Que allivios, que consolos te devemos?
Á liberdade, aos povos que trouxeste?
Que legas ao porvir senão miseria?
Foste á patria fatal, fatal ao mundo...
Fecha o circ'lo de ferro em que envolveste
Os homens, as nações, o universo.

Foge, foge, não mais nos annuncies
Cada momento um subito desastre,
Nova desgraça a cada instante novo;
Morre, morre depressa que já deixas
Longo rasto de lagrimas e sangue
Que nada apagará... morre, e comtigo
Leva tambem, arrasta á sepultura
A memoria sinistra de teus dias!

Dezembro, 1849.

N'UM ALBUM.

De uma senhora.

Senhora, o livro da yida
Tem folhas de varias cores,
Umas compostas d'espinhos,
Compostas outras de flores.

*

Tambem vejo neste livro
Em cada folha uma côr,
Mas não vejo a côr do luto,
Não vejo a imagem da dôr.

Falta pois a mais sentida,
Falta a côr mais verdadeira,
Falta o symbolo eloquente
De tanta existencia inteira!

É, senhora, que este livro
Da virtude e formosura,
Pertencendo á innocencia
Tambem pertence á ventura.

Agosto 10, 1849.

O ANNIVERSARIO.

A uma criança.

Tacitum vivit sub pectore vulnus.
Virg.

Vôa, vôa, ó meigo anginho,
Deixa a terra, busca os céus;
É curto, é breve o caminho,
Vôa, que o berço é o ninho
Das avesinhas de Deus!

Tu vieste ao mundo irado
No mesmo dia em que eu vim...
Arrastarás a meu lado
O mesmo grilhão pesado
De soffrimentos sem fim?

Negra taça d'amargura
Só na vida encontrarás?
Conhecerás da ventura
Sómente a mascara impura,
Sómente o riso fallaz?

Será a tua existencia
Esteril ermo sem flor?
Terás curta a innocencia?
Prematura a exp'riencia,
Como eu a tive, na dôr?

Sendo ainda pequenino,
Como eu o era tambem,
Virá um sonho divino
Embalar-te como um hymno,
Sorrir-te como uma mãe?

Terás cedo um vago objecto
De vago, occulto pendor?
Olharás com doce affecto
Ora um astro predilecto,
Ora um arbusto, uma flor?

Depois menos indecisa
Crescerá tua affeição,
E correrás como a brisa
Buscando a flor que precisa
Nos jardins da criação?

Ouvirás no peito inquieto
Um instrumento infiel,
Triste alaúde incompleto
Cujos cantos sem objecto,
Em vez d'allivio, dão fel?

Perderás a paz do leito
Como a paz do coração?
Trarás o rosto desfeito,
E o pensamento sujeito
A uma aeria visão?

Engeitando com tristeza
Teus brinquedos infantis,
Irás tu com singeleza
Perguntar á natureza
«Que te falta?» como eu fiz?

Gemerás como eu gemia,
Na minha incognita dôr,
Pedindo ás noites, ao dia,
Da minha occulta agonia
O nome, a causa, o valor?

Immenso vacuo profundo
Sentirás no coração?
Tentarás achar no mundo
Um affecto mais jucundo
Que o de filho, que o d'irmão?

Nutrirás no peito ardente
A mesma sede d'amor,
Que eu senti inda innocente,
Sem achar fonte clemente
Que te mitigue o ardor?

Sentir-te-has abrazado,
Como eu tambem me senti?
Soffrerás tambem callado,
Morrerás d'enamorado,
Como em silencio morri?

Guardarás com tanto medo,
Como eu zeloso guardei,
O fatidico segredo
Que eu aos echos d'um rochedo
Nem aos astros confiei?

Comporás um mundo inteiro
De risonhas illusões,
Paraiso verdadeiro
Que o pensamento ligeiro
Povôa de mil visões?

E uma palavra sómente,
Rasgando-te o lindo véu,
Te mostrará de repente,
Um negro inferno inclemente
Quando pensavas no céu?

Depois... só dias medonhos
Contarás de pranto e ais?
E teus phantasticos sonhos,
E pensamentos risonhos,
Não voltarão nunca mais?

E vêr-te-has qual forasteiro
Pelo mundo errante e só,
E teu eden feiticeiro,
O teu porvir lisongeiro,
Tudo ruinas e pó?

Tudo, tudo!... a crença pia,
A innocencia, o amor!
Tudo uma amarga ironia,
Tudo perpetua agonia,
Tudo lagrimas e dôr!?

.....

Vieste, anjo, ao mundo irado
No mesmo dia em que eu vim...

Se vens ser tão malfadado,
Perca a terra um desgraçado,
Ganhe o céu um cherubim!

Desembro 21, 1848.

O CASTELLO DE MONÇARAZ.

..... sus hijos empanan
Lagloria que sube su nombre adquirir.
B. de Castro.

Salve, antigo monumento,
Vetusto padrão da historia,
Salve, illustre descendente
Dos nossos tempos de gloria!

Sobre negra, alpestre penha,
Que a fronte c'rôa da serra,
Ergues-te, altivo castello,
Como atalaia de guerra.

Cobre-te um manto de rochas
Vasto dorso collossal,
Um diadema de nuvens
Te cinge a fronte real.

Assentado em nobre throno
D'alcantilado granito
Dominas por vasto imperio
Um horisonte infinito.

És o senhor d'estes plainos
Cuja extenção mal se alcança,
Soldado e rei, que uma torre
Tens por sceptro, e tens por lança.

Castello, rei dos castellos,
Gigante d'antigas eras,
Mudo espectro do passado,
Entre nós por que inda esperas?

Como um guerreiro esforçado
Que surgiu da sepultura,
Porque conservas ainda
Essa tão rija armadura?

Não vês o musgo, que ousado
Todo o corpo te invadiu?
Que as cicatrizes da guerra
Já de todo t'encobriu?

Mão vês... que digo? — não sentes
Esse vandalico alvião,
Que te arranca das entranhas
Em cada pedra um brazão?

Não vês que a tua presença
Vil desprêso inspira só?
Não vês, gigante, que humilhas
Estes atomos de pó?

Entraste em vinte batalhas,
Como um bravo campeão,
Viste a espada de Nun'Alv'res,
Viste as hostes de Leão.

Tens um nome em cada pedra,
Em cada nome uma gloria,
Cada ruina das tuas
É uma folha da historia!

Mas que importa? os lusos d'hoje
Os mesmos lusos não são...
Soldado velho da patria,
Quebra-te a espada... o alvião!

O alvião!... opprobrio eterno
Ao que assim cospe na historia,
E tu, salve, descendente
Dos nossos tempos de gloria!

ÁS ONDAS.

Donzella, olha, não vês, álem, na praia
Um rochedo surgir, altivo, crespo,
E as leves ondas, espumosas, fôfas,
Vir beijal-o, e morrer-lhe ás duras plantas
Em placido murmurio?

Olha, agora, não vês como queixosas
Ante a penha insensivel recuando
Tristes se enrolam na arenosa praia
E, voltando a teus pés, de novo humildes
Mais gemebundas fogem?

Donzella, a rocha és tu; assim te banham
Tépidas ondas d'intimos suspiros
Que te fervem aos pés, e morrem, quebram-se
Como aquellas que álem vemos cansando
Na porfiosa lide!

Abril 26, 1842.

A ROSA NA SEPULTURA.

Pobre flor, porque naciste,
Sobre una tumba desierta?
J. Zorrilla.

I.

Aos pés da cruz solitaria
D'uma humilde sepultura,
Tu brotaste, ó doce imagem
Da belleza e da ternura:

*

Como um sonho d'alegria
Entre os revezes da sorte,
Nasceste, encanto das bellas,
Entre os espectros da morte:

Que vens fazer entre os goivos,
No chão do lucto e da dôr,
Mimoso enlevo dos olhos,
Purpurea rosa d'amor?

Porque te mostras risonha,
Trajando galas celestes,
Aqui no musgo das campas,
Entre funebres cyprestes?

Porque ao bafejo da morte
Vieste aqui vegetar,
Longe das frontes das virgens,
E dos vasos do altar?

Aos pés da cruz solitaria
D'uma humilde sepultura,
Porque brotas, doce imagem
Da belleza e da ternura?

II.

Tu, ó rosa purpurina,
Em tão funebre logar!
Tu isolada entre os mortos
Como uma vela no mar!

Tu rainha seductora
D'um formoso, immenso imperio,
Tu escolhendo por solio
A loisa do cemiterio!

Tu, a flor de gala e festa,
Tu, entre as campas assim,
Buscando a estancia da morte
Quando te chama o jardim!

Tu, ó rosa, como a alma
Que descrê do mundo vário,
Tu impondo-te na vida
Um exilio voluntario!

Tu, inveja das mais flores,
Encanto do prado inteiro,
Gastando as galas da vida
Nos grilhões do captiveiro!

Tu, ó rosa purpurina,
Em tão funebre logar!
Tu, isolada entre os mortos
Como uma véla no mar!

III.

Que fazes, rosa, que fazes
Nesta mansão do pavor?
Qual é aqui teu destino,
Mimosa, purpurea flor?

Longe das turbas procuras
Doce paz da solidão,
Porque engeitas com desprêso
As galas do mundo vão?

Em vez das festas dos homens
Vens antes à campa ornar,
Porque é a porta do templo
Que mais se deve enfeitar?

Conduz-nos a novo mundo,
Mundo d'amor e de luz;
Vens por isso engrinaldal-a
Vegetando aos pés da cruz?

Vens dedicar aos finados
Teu doce perfume intenso,
Porque aos viventes não faltam
Fragrantes nuvens d'incenso?

Que fazes, rosa, que fazes
Nesta mansão do pavor?
Qual é aqui teu destino,
Mimosa, purpurea flôr?

IV.

Quem ha-de, ó rosa, quem ha-de
Amar-te aqui, dar-te culto,
Se o teu viço... nestas cinzas...
É um ironico insulto?

Entre os soluços do pranto
És qual riso d'alegria,
És qual sarcasmo pungente
Entre as ancias da agonia.

Ai! deploro a tua sorte,
Solitaria, triste flôr,
Que assim consomes co'as tumbas
Tanta fragrancia e frescor!

Viverás sobre um sepulchro
E sobre elle morrerás,
Sem mais prazer que o rètiro,
Sem mais ventura que a paz!

Nenhuma candida virgem
Se ha-de comtigo adornar,
Nem uma dextra piedosa
Te irá depôr no altar.

Quem ha-de aqui vir amar-te,
Quem póde aqui dar-te culto,
Se o teu viço.... entre essas campas
Nasce, e vive, e morre occulto?

V.

Ah! entendo o teu destino,
Linda rosa sepulchral...
Tu és o breve epitaphio
D'uma loisa virginal!

Negue-te embora seu culto
Impia turba indifferente,
Ha-de vir aqui amar-te
Todo o que pensa e que sente.

Gósto de ver-te sósinha,
Ao pé da morte a brotar,
Perfumando a sepultura
Como a pedra d'um altar.

Dorme aqui... sob essa loisa
Aonde ao mundo vieste...
Outra rosa de quinze annos,
Mas outra rosa celeste!

Como um protesto solemne
Contra a morte prematura,
Surge a imagem da belleza
Das cinzas da formosura!

És o modesto epitaphio
D'uma loisa sepulchral;
Por isso te amo e festejo
Linda rosa sepulchral!

VI.

Salve, purpurea florinha,
Enlevo da criação,
Sentinella vigilante
D'outra flôr morta em botão

Como tu entre as mais flôres
És graça, aroma, frescor,
Era ella entre as mais bellas
Virtude, belleza, amor.

Como o ramo que pendente
Murchou na fronte ao romeiro,
Hoje vede-a, ei-la abatida
Sem viço, sem côr, sem cheiro...

Sem cheiro não... que mil graças
A ti, ó flôr da ternura,
Qual recendeu na existencia
Recende na sepultura!

Rainha foi, mas de um dia,
Como tu, ó linda flôr,
Rainha d'um casto imperio
Mas de encantos e fulgor.

Salve pois, bella florinha,
Linda rosa sepulchral,
Salve eloquente epitaphio
D'uma loisa virginal!

O BARCO.

Imitação.

Vem, donzella, vem comigo,
Sulquemos ambos o mar;
Sosinha vem; não te assustes,
Irei eu mesmo remar.

Olha meu barco; é formoso;
Fragil concha, bem o sei;
Mas que importa? allí sou livre,
Naquelle imperio sou rei.

Deixa a terra, estreito azylo
De quem escravo nasceu;
Vem comigo, a immensidade
É só dos livres, como eu.

Ah! vem que as ondas entendem
Mysterios do coração,
Dizem seus ais liberdade,
Dizem amor, solidão!

NO PRIMEIRO DIA DO ANNO.

Meditação.

Combien de fois dejá les ai-je vu renaitre
Ces ans si prompts á fuir, si prompts á revenir!
A. de Lamartine.

Surgiste, ó novo anno; sê bem vindo
Se mais propicio te fadou o Eterno!

Tem a estrada da vida mais um marco,
A cadêa dos tempos mais um elo,
Mais uma folha o livro do passado!
Um anno, um anno inteiro arremeçou-se
Aos abysmos do nada, e vem já outro
Succeder-lhe tambem no pó da vida,
Donde apoz voltará tambem ao nada!
Um anno, grão d'arêa imperceptivel
No oceano dos tempos, breve instante
Na vida das nações e do universo,
Espaço d'um olhar do Ser Supremo
E quasi a vida do homem cá na terra,
Um anno, um anno inteiro, ei-lo dormindo
No leito do passado um somno eterno!

Um anno! e o que val, que diz, que importa
Similhante expressão na lingua d'homens?
Um trago mais na taça da existencia,
No caminho da campa mais um passo.
Sois mancebo? — um anno é uma rosa
Que da risonha fronte engrinaldada
Sem aroma, sem côr, vos cai ás plantas
Ceifada pela mão do tempo irado:
É uma santa crença aniquilada,
Uma doce illusão que se esvaece,
Algum nobre sentir escarnecido,

Algum sonho doirado em pó desfeito!
Sois homem? — não sabeis o que é um anno?
Uma corda, que estala na voss'alma,
Um cento d'illusões, que vedes mortas,
Uma justa ambição aos pés calcada,
Umas poucas de lagrimas vertidas,
Algum veneno e fel de mais na vida!
Sois velho já? — o astro da existencia
Já vos luz semi-morto no occidente?
Que vêdes vós no anno que vos foge?
Só mais algumas folhas já mirradas,
Que do tronco da vida se desprendem
Remoinhando nas azas do passado;
Mais uns poucos d'amargos desenganos
Alastrando o caminho, que deixastes;
Algumas rugas mais no magro rosto,
E umas poucas de cans na fronte annosa!
Um anno! e o que val, que diz, que importa
Similhante expressão na lingua d'homens?
Um trago mais na taça da existencia,
No caminho da vida mais um passo.

Um anno... e que fiz eu, e os homens todos
No transito dos dias, que morreram?
Enleiado em meus sonhos de mancebo,
Cantando cada dia angustias novas,

Como um hospede estranho andei na terra,
Buscando em toda a parte uma ventura,
Que via em toda a parte, e nunca achava.
Embebido nas crenças lisongeiras
Da mocidade ingenua, errei sósinho
Entre os vicios dos homens corrompidos,
Dando atraz d'uma sombra inuteis passos,
Gastando em hymnos vãos minha existencia.
Vi tudo pelo prisma de minh'alma,
Sonhei o mundo um céu, e os homens anjos,
E tudo m'enganou! — desd'esse dia
Velei na solidão bem longas noites
Maldizendo de Deos e do universo,
Que nas chagas do peito me cuspiam
Sem compaixão, nem dó... descri de tudo,
Abutre de mim mesmo, devorei-me
Cada hora, cada instante, lentamente,
Nutri-me só do fel de minhas máguas,
Cevei o coração d'atroz veneno,
E minh'alma afoguei n'um mar de pranto.

E os homens, meus irmãos, o que fizeram
D'um anno que passou? foram acaso
Menos loucos do que eu ou mais ditosos?
Não verteram nas luctas fratricidas
Mil torrentes de sangue precioso?

Em trôco de chimeras passageiras
Não venderam mil vidas? por acaso
Da paz no seio, á sombra da virtude,
Na lei do eterno amor viveram juntos,
Uma familia só compondo todos?
Fizeram do universo uma só patria,
Um eden ds ventura e d'alegria,
Não vedado a ninguem? deram a todos
Na partilha dos gôsos e das dôres
Uma porção egual? não foi ainda
Privilegio d'uns poucos a ventura,
Patrimonio d'alguns o mundo inteiro?
Já não existem servos e senhores,
Tyrannos e tribunos acabaram,
Nem monarchas ha já, nem ha vassallos?
Não é pomo vedado a liberdade,
Nem a lei do mais forte a lei suprema?
Em logar das paixões, em vez dos vicios
A virtude e a razão sómente imperam?
Sempiterno Sisypho, a humanidade
Deixou já de rolar a eterna rocha?

.....

Surgiste, ó novo anno; sê bem vindo
Se mais propicio te fadou o Eterno!

N'um album.

Aqui, no livro opulento
De formosas inscripções,
Vejo erguido um monumento
Ás sinceras affeições;
Oxalá que o tempo ufano
De mil severas lições
O não transforme tyranno
N'um sepulchro d'illusões.

*

O FIM DO ANNO.

On l'oublie et voila que les heures fidéles
Sur l'airain ont sonné minuit,
Et qu' une année entiére a replié ses ailes
Dans l'ombre d'une seule nuit.
A. de Lamartine.

É alta noite... o astro da tristeza
Ei-lo a brilhar no azul do vasto espaço,
Qual lampada de prata a arder pendente
Do ceruleo docel d'um templo immenso.
Tudo é silencio e paz! — ao longe apenas
S'escuta o arquejar do mar dormindo
Casado co' o gemido melancholico
Do vento que sibila!

A luz de mil estrellas palpitantes
Cujo meigo fulgor afrouxa a lua
Que em limpido clarão inunda a terra
Tingindo côr da prata o horisonte...
As frouxas harmonias, que reboam
Tangidas pelo vento em harpa aeria...
Tudo convida a orar, tudo é solemne
Neste momento augusto.

É meia-noite... ei-la... a hora derradeira
D'um anno que se abysma no passado,
Oceano terrivel de ruinas,
De silencio, e de pó, e de saudades;
É meia-noite... a hora dos amores
Votada ao coração e aos prazeres,
Consagre-se uma vez cad'anno ao menos
Ao pensamento, á alma!

Sôa o instante derradeiro
Para um anno moribundo,
Como sôa para outro
A hora de vir ao mundo!

São dois astros que se encontram
N'um curto momento só,
Um surgindo no horisonte,
Caíndo o outro no pó!

São dois planetas gigantes
Que girando pelo espaço
N'um instante imperceptivel
Dão curto, rapido abraço!

São dois elos que se tocam
D'uma infinita cadéa,
O passado que se esquece,
O porvir, que se receia!

É solemne este momento,
Pensai, ó homens, pensai...
Que mais depressa que o anno
Quanta vida não se esvai?

Não escutais bem profunda
Dentro do peito uma voz,
Que vos brada: «Os annos passam
E como elles passais vós!»

Passam as aves, as flores,
Os dias, as estações,
As cidades, os imperios,
Os homens, as gerações.

Tudo aqui é passageiro,
Vida, mundo, natureza,
Tudo caduco; só dura
De Deos a eterna grandeza.

É solemne este momento,
Pensai, ó homens, pensai...
Que mais depressa que o anno
Quanta vida não se esvai!

No caminho da existencia
Démos um passo... é assaz...
Descansemos por um pouco
Volvendo os olhos atraz.

Tem innumeros altares
O idolo do futuro...
Não neguemos ao passado
Um pobre culto, mas puro.

Ou seja a rosa das festas,
Ou o cypreste do luto,
Não ha dextra que não deva
Mandar-lhe á campa um tributo.

É esta a hora opportuna,
Orai, ó homens, orai...
Que a vida corre ligeira
E n'um momento se esvai!

ULTIMA VONTADE.

A la foule qui passe et tombe
Qu'importe au seuil de quelle tombe
Mon ombre irá se asseoir?
V. Hugo.

Vivi só... em toda a parte
Busquei do ermo a doçura,
Vivi só... bem solitaria
Tambem quero a sepultura.

Lá onde agudos cyprestes
Devassam co'a fronte os céus
Entre simetricas filas
De alinhados mausoléus;

Lá onde a imagem da morte
Vive, habita, impera só
E das grandezas da terra
Nos mostra apenas o pó;

Lá onde em paz a maldade
Junto á virtude repousa,
Lá dos mortos na cidade
Oh! ninguem me ponha a lousa!

Vivi só... em toda a parte
Busquei do ermo a doçura,
Vivi só... bem solitaria
Quero a minha sepultura.

Não, não quero a minha campa
Onde um tumulo se erguer:
Eu nada tenho co'os homens,
Quero isolado jazer;

Soffri, chorei, não maldisse,
Cumpri a minha missão,
As preces delles... que importam?
Não mendigo compaixão.

Uma pedra mais que vale
No seu vasto cemiterio?
Que vale um nome qne cercam
Silencio, trevas, misterio?

Oh! longe, bem longe donde
Pompas ostenta a vaidade,
A minha loisa singela
Quero-a, sim, na soledade.

Soledade, anjo mimoso
Foste o meu unico amigo,
Has-de cobrir-me co'as azas
Esse meu ultimo abrigo.

Quero-o onde nunca cheguem
Vozes corruptas do mundo
Onde só quebrem gorgeios
Socego immenso, profundo:

Quero-o onde não receba
Prantos d'hypocrita dôr,
Onde os echos me não levem
Da terra um leve rumor.

Longe, bem longe dos homens,
Seja a minha sepultura
Modesta pedra no meio
De verde, fresca espessura.

Quero-a onde em paz se escute
O suave murmurio
D'humilde arroio em que as aves
A sêde matem no estio.

As aves! ellas coitadas
Ellas, sim, me entenderão,
E da indifferença dos homens
Os meus restos vingarão:

Eu cantei, ellas cantando
Na campa me hão-de embalar,
Amei-as, fui innocente,
Se ellas não me hão-de chorar!

Virão, virão festejar-me
Com seus hymnos de ternura
Adevinhando que outra ave
Tem por ninho a sepultura.

Feliz eu se por milagre
Daquella maga harmonia
Sentir nas trevas da morte
Doces raios de poesia!

Oh! longe, bem longe donde
Pompas ostenta a vaidade
A minha loisa singela
Seja tua, ó soledade!

Agosto, 1845.

SÊ FELIZ!

Tu les liras ces vers. . . . . .
Toi dont la douce image en tout lieu me poursuit,
Tu les liras ces vers que mon cœur te dédie,
Toi que mon cœur implore et qu'il nomme tout bas.
P. Flaugergues.

Sonhei-te anjo; errei, que importa?
Hoje acórdo; o tempo o quiz;
Minha illusão acho morta,
Mas fui com ella feliz!

Quiz-te muito; a outro agora
Te prende perpetuo nó;
Sê feliz; um triste embora
No mundo se veja só!

Quiz-te, sim... ah! de tal era
Se a lembrança é um pesar,
Esquece-a como eu quizera
Esquecer-me... de te amar.

Sou homem; devo ser forte,
Devo a desgraça affrontar;
Sou poeta, é minha sorte,
Quando soffro, abençoar.

Eu mesquinho entre os mesquinhos,
Tu ditosa entre as ditosas...
Embora! — colho os espinhos,
Colhe tu da vida as rosas!

GRAÇAS.

Je te benis, Seigneur!
V. Hugo.

I.

Já descria de Deos! não esperava!
Rugia-me no peito encarcerada
Indomita procella;
Tinha n'alma um abysmo, e a côr do inferno
Me tingia na fronte o pensamento!

Já descria de Deus! não esperava!
Era meu horisonte um céu medonho
Que toldavam mil sombras,
A nobada de ferro, onde estalavam
Minhas queixas, meus ais despedaçados!

Já descria de Deos! não esperava!
Pelo prisma da duvida sombria
Olhava o universo;
Deos era para mim quasi um problema,
E uma amarga irrisão o mundo inteiro!

Já descria de Deos! não esperava!
Tibio o clarão da fé já s'extinguia
Em circulos de trévas;
Tinha no abysmo o pé... tu me salvaste...
Graças, graças, meu Deos, eu te bemdigo!

II.

Tu, de cuja mão potente
Se precipita egualmente
O sol que o mundo allumia,
E o grão de trigo que alimenta o verme
Em bronca penedia:

Tu que reges com teu braço
Pelos desertos do espaço
Milhões d'orbes rutilantes,
E diriges dos homens, cá na terra,
Os passos vacillantes:

Tu, de cujo pensamento
Não se desvia um momento
A tua obra infinita;
Tu, que não deixas nunca sem confôrto
Uma só alma afflicta:

Tu, ó Deos de piedade,
Tu, ó Suprema Bondade,
Tu me ouviste compassivo
Descobrindo entre as obras do universo
O atomo fugitivo!

III.

Desfez-se a negra procella,
Sorri fagueira bonança,
E das ondas socegadas
Surge o astro da esperança!

Dissipou-se o véu sombrio
De medonha noite escura,
Raiou-me a crença, e com ella
Raiou-me n'alma a ventura.

E tu, Senhor, me salvaste,
Quando infeliz te esquecia,
E eu pensava no abysmo
Quando o teu braço me erguia!

Salve, salve! eu te bemdigo,
Deos d'amor e de clemencia,
Será meu norte na vida
Tua estrella, ó Providencia!

Agosto 24 — 1843.

Fim.

INDICE.

Cartas que servem de prologo	vii	Olhos negros	29
		A noite	31
A poesia	1	Canto d'amor	35
Propicia estrella de amor	5	Ás estrellas	41
		No album da ex.ma condessa das Antas	45
Retrato	7		
A folha secca	9	Impossivel	47
O sorriso	15	O pôr do sol	49
Receio	17	O cypreste	53
A recem-nascida	21	A espera	57
O meu berço	25	Sonho	59

À lua. 63
Os olhos. 69
Primavera antecipada 71
A uma joven. . . . 75
A alcachofra. . . . 79
Nunca ! 83
Innocencia e morte 85
A nuvem 87
Infancia e miseria . 91
Diz tudo amor. . . 97
A uma joven. . . . 101
Julia 103
N'uma hora de tristeza 107
A felicidade. . . . 111
A tarde no cemiterio 115
No album de uma dama 119
O teu olhar 121
No album de um amigo. 125
Noites de maio. . . 127
Vinte e um d'agosto 131
A primavera 139
N'um album. . . . 143
A oração no ermo . 145
A uma joven. . . . 149
O beijo restituido . 151
Que pedes ? 155
A rosa 159
Antes a morte . . . 161
A esperança 165
O chorão. 171
Porque choras ? . . 175
O crepusculo. . . . 179
Esquecer-te. 187
A partida 189
Adeus a Coimbra . 193
A vida 199
A voz dos finados . 201
A uma joven poetisa 205
Ao anno velho . . . 209
N'um album. . . . 211
O anniverssrio . . . 213
O castello de Monçaraz 221
As ondas. 225
A rosa na sepultura 227
O barco 235
No primeiro dia do anno 237
N'um album. . . . 243
O fim do anno. . . 245
Ultima vontade. . . 251
Sê feliz. 257
Graças 259

BOOK [illegible]
JUL [illegible] 1980
FEB 15 1980
658 [illegible] 5